

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

SCHEILA APARECIDA RIBEIRO SIKORA

**O MAL E A CATÁSTROFE EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*, DE
LUIZ RUFFATO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

SCHEILA APARECIDA RIBEIRO SIKORA

**O MAL E A CATÁSTROFE EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*, DE
LUIZ RUFFATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão (DACEX) e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

O MAL E A CATÁSTROFE EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*, DE LUIZ
RUFFATO

por

SCHEILA APARECIDA RIBEIRO SIKORA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 21 de agosto de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Prof. Orientador

Prof^a Dr. Marcelo Fernando de Lima
Membro titular

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Membro titular

Dedico este trabalho aos meus pais,
Antonio e Catarina, pelas palavras de
conforto e ouvidos sempre atentos, e a
meu esposo, Acinir, pelo estímulo e
paciência.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por me conceder saúde, perseverança e paciência e pelas inúmeras bênçãos que Ele tem derramado sobre minha vida.

Aos meus pais, Catarina e Antonio, pelas palavras de conforto, pela força, por despertarem em mim esta busca pelo melhor.

A você, Acinir, esposo e companheiro, que mesmo sem saber foi a maior fonte de estímulo para o ingresso neste curso. Obrigada pela paciência mesmo nos momentos de estresse e durante as noites mal dormidas.

À professora Angela Maria Rubel Fanini por ter me apresentado *Eles eram muitos cavalos* durante a disciplina de Teoria da Narrativa.

Ao professor Rogério Caetano de Almeida, um duplo agradecimento: por ter discorrido sobre a temática do mal na disciplina de Prosa Brasileira do século XX e por ter aceitado me orientar nesta jornada.

Aos professores Márcio Matiassi Cantarin, Naira de Almeida do Nascimento e Marcelo Fernando de Lima, por terem participado da banca examinadora, por suas sugestões e apontamentos que enriqueceram muito minha pesquisa.

Aos professores da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, Andreia de Fátima Rutiquewiski Gomes e Roberlei Alves Bertucci, por terem me lançado nesta caminhada e pelas contribuições relacionadas ao desenvolvimento deste trabalho e ao respeito das normas técnicas.

Às amigas construídas durante o curso; à Daiane Jardim que desistiu da caminhada, à Karina Lopes e Letícia Macedo, meu muito obrigada pelos conselhos, pela injeção de ânimo, pelas risadas.

A vitória não é minha, pertence a cada um de vocês! Obrigada!

Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuar-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita.

(Romanos 7: 18-20)

RESUMO

SIKORA, Scheila Aparecida R. **O mal e a catástrofe em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 2014. 66p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas,- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

O presente trabalho tem por objetivo investigar as representações do mal e suas possíveis responsabilidades pela catástrofe de quatro personagens em quatro pequenas narrativas da obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, publicado em 2001. Partindo de pesquisas bibliográficas, levantaremos os conceitos de povos primitivos (Freud, 2013), civilização (Freud, 2011) e progresso (Adorno e Horkheimer, 1947; Benjamin, 1994) e posteriormente os conceitos de mal (Freud, 2011; Bataille, 1989; Arendt, 1999; Agamben, 2008, 2013; Baudrillard, 1991). O trabalho analítico consistirá em identificar o mal e ver como isso reverbera no todo da narrativa, nas personagens e na própria literatura. Alguns aspectos que se tornam desdobramentos do mal em si como povos primitivos, civilização, progresso e catástrofe também serão verificados nas narrativas selecionadas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Eles eram muitos cavalosMal.

ABSTRACT

SIKORA, Scheila Aparecida R. **Evil and catastrophe in *Eles eram muitos cavalos*, by Luiz Ruffato**. 2014. 66p. Trabalho de Conclusão de Curso Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2014.

The aim of this work is to study the representation of evil and its possible roles in the failure of four characters in four narratives of *Eles eram muitos cavalos*, by Luiz Ruffato, a book published in 2001. By using bibliographical references in this matter, we discuss the definitions of primitivity, civilization (Freud, 2011; 2013) and progress (Adorno and Horkheimer, 1947). Besides, we discuss the concept of evil (Freud, 2011; Bataille, 1989; Arendt, 2013; Agamben, 2008, 2013; Baudrillard, 1991) our study consists on identifying evil and its reverberations throughout the narratives, in the chosen characters and in literature as a whole. We also discuss some aspects which can be seen as result of evil, such as primitive groups, civilization, progress and catastrophe.

Keywords: Brazilian literature. *Eles eram muitos cavalos*. Evil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O MAL-ESTAR EM FREUD	12
2.2 BATAILLE E O MAL NA LITERATURA	17
2.2.1 Baudelaire e o Mal como Negação do Bem	18
2.2.2 Sade e o Mal como Sofrimento	20
2.2.3 Kafka e o Mal Dissimulado	21
2.3 ARENDT E A BANALIDADE DO MAL	22
2.4 AGAMBEN E O MAL COMO VERDADE	24
2.5 BAUDRILLARD E A TRANSPARENCIA DO MAL	25
2.6 O PROGRESSO DA CIVILIZAÇÃO	28
3 O MAL E OS HOMENS-CAVALOS	30
3.1 RATOS	33
3.2 CHACINA Nº41	39
3.3 DE BRANCO	44
3.4 {- MULHER...Ô MULHER	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXO A - Ratos	56
ANEXO B – Chacina nº41	58
ANEXO C – De branco	60
ANEXO D – {- Mulher...ô mulher	63
ANEXO E– Imagem 01: Quadro Angelus Novus	65

1 INTRODUÇÃO

A humanidade progrediu muito para chegar à qualidade de civilização, tendo que ocultar seus desejos sexuais, sua agressividade, seu instinto maternal, traços que a aproximavam de seus ancestrais primitivos. Contudo, estudos revelam que o primitivo não está tão distante de nós.

Neste trabalho, realizaremos uma investigação de como o mal está presente em quatro narrativas da obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, vislumbrando também a sua participação na catástrofe dos personagens. A escolha da obra e da temática foi movida por trabalhos anteriores, realizados nas disciplinas de Teoria da Narrativa e Prosa Brasileira. Nosso percurso iniciou-se com a pesquisa bibliográfica, e desenvolvimento do projeto. Posteriormente foi realizado o levantamento teórico e a análise das narrativas escolhidas. Alguns autores nortearam nosso trabalho, sendo os principais Sigmund W. Freud (2011), Georges Bataille (1989), Jean Baudrillard (1991), Hannah Arendt (2013), Giorgio Agamben(2008), que tratam da temática do mal, e Walter Benjamin (1994), Theodor Adorno e Max W. Horkheimer (1970), que teorizam o progresso.

Em Freud (2011) temos o mal-estar como o resultado das restrições impostas pela civilização, que segundo o estudioso vienense transforma-se em mal, e é encontrado na satisfação dos instintos sexuais, de agressividade e maternal (este último exclusivo à mulher). Para que possam ser compreendidas tais resoluções, faz-se necessário também a apresentação do conceito de povos primitivos, defendido por Freud(2013), o que faremos posteriormente.

Ao contrário de Freud (2011), que versa sobre o mal psíquico, Bataille realiza a investigação do mal na literatura, com base na obra de alguns autores. Em Baudelaire *apud* Bataille, 1989, o mal seria visto como a negação do bem, do amanhã, sendo priorizando a vivência do instante, do momento presente. O “poeta maldito” faz com que percebamos aspectos que geralmente não vemos ao vislumbrar a poesia e o mundo, ele abre nossos olhos para aquilo que precisa ser visto, para que assim tomemos consciência do outro, de nós mesmos e de nossa realidade.

A utilização do corpo, a obsessão pela unidade entre o sujeito e seu objeto de desejo, a busca do prazer através da dor e do sofrimento é o mal

presente na obra de Sade. Para Kafka, o mal seria a negação de si mesmo, do que se é, de seus sentimentos; a infantilidade, a liberdade infantil e a irresponsabilidade também são outras características do autor.

Os próximos três autores consideram o mal com base em situações reais. Baudrillard (1991) baseado no estudo de caso de um aiatolá Khomeini considera como mal a negação do consenso, o desequilíbrio, o maniqueísmo existente pela parcialidade, pela visão tendenciosa, não seria um princípio de morte, mas de desunião e desentendimento.

A banalidade do mal, a falta de posicionamento crítico, a irreflexão faz parte das características do mal, encontrado em Eichmann, um carrasco do Holocausto, considerado por muitos apenas uma marionete do sistema nazista, mas mesmo assim participante do genocídio.

O mal como bem, o impossível como possível, o errado como certo, esse era o mal em Agamben (2008, 2013). Tais constatações surgirem após estudo do Holocausto que comprovava a morte em massa como o impossível possível.

O paradoxo da modernidade é que o progresso tem inerente a si, elementos que são prejudiciais a algumas pessoas, conforme aponta Adorno & Horkheimer (1947) e Benjamin (1994). Os primeiros consideravam o progresso do esclarecimento como causa de catástrofe, devido ao domínio da natureza pelo homem e do homem pelo próprio homem, através da selvageria. Benjamin (1994) por sua vez, ao versar sobre o conceito de história, apresenta sua definição de progresso através de uma comparação com a pintura de Paul Klee. Podemos inferir que o progresso seria como o vento que impediria a humanidade de ajuntar os “cacos” das tragédias passadas nos impulsionando para um futuro que também terá ruínas. A teoria do mal e da catástrofe serão muito necessárias no desenvolvimento de nossa análise.

O trabalho divide-se em dois blocos, no primeiro serão expostos os conceitos de mal, civilização, povos primitivos, progresso e catástrofe, posteriormente partiremos para a parte analítica, identificando o mal e verificando sua reverberação no todo das narrativas. Os conceitos trabalhados são de diferentes campos epistemológicos; no que tange o mal, percebe-se que não há distinção entre o mau (adjetivo) e mal (advérbio), nos teóricos

estudados, contudo utilizaremos a grafia correta, contextualizada com as narrativas analisadas.

A obra escolhida foi publicada em 2001, e por meio de *Eles eram muitos cavalos*, Luiz Ruffato, um autor pouco conhecido até então, alcançou notoriedade no universo literário. A tradução desta obra para diversas línguas permitiu o surgimento de várias produções, tanto no meio acadêmico nacional, como no internacional. Debruçamo-nos também sobre a obra de Ruffato, porém, antes de compartilharmos nossa análise, faz-se necessário a apresentação das teorias elementares ao nosso estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Não é de hoje que a temática do mal vem despertando o interesse na humanidade. Um dos questionamentos que a teologia (ou especificamente as religiões), a filosofia e a psicologia tentam responder é *o que é o mal?* Neste trabalho, propomos-nos a levantar algumas teorias que embasam a temático do Mal.

2.1 O MAL-ESTAR EM FREUD

Conforme exposto anteriormente, no início de nosso capítulo teórico valer-nos-emos de conceitos freudianos. Em *Totem e tabu* (2013), Freud nos causa certa inquietação ao afirmar que conhecemos muito sobre o homem pré-histórico e que ele ainda é nosso contemporâneo, uma vez que “existem homens que acreditamos estar bem próximos dos primitivos, bem mais próximos do que nós, nos quais vemos, portanto, seus representantes diretos” (FREUD, 2013, p. 7). Esta proximidade, como pode-se deduzir facilmente, não é temporal, mas psíquica. O que Freud parece alertar é o fato de que alguns seres humanos se aproximam em aspectos psíquicos de seus antepassados, seja por suas ações ou pelo modo de pensar. Apesar dessa declaração não ser muito esclarecedora, pode ser melhor compreendida em outro texto do mesmo autor, *O Mal estar na civilização*:

Já no âmbito psíquico é tão frequente a conservação do primitivo junto àquilo transformado que dele nasceu, que não é preciso demonstrá-lo mediante exemplos. Via de regra, isso ocorre em consequência de uma cisão no desenvolvimento. Parte de uma

atitude, de um impulso instintual, permaneceu inalterada, enquanto outra continuou se desenvolvendo (FREUD, 2011, p.12)

Em tal perspectiva, o homem moderno apresenta traços de primitivismo, e esses não são visíveis, estão no interior do indivíduo, em sua mente. Essa inquietação surge porque o homem geralmente acredita conhecer bem a si mesmo, mas esse conhecer remete muito mais a seu passado recente, do que ao caminho trilhado por sua espécie. Freud (2011, p.9) afirma:

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada – isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id.

Podemos comparar as entidades psíquicas a um *iceberg*. O bloco de gelo que vemos acima da superfície do mar seria o Eu, essa instância que julgamos conhecer tão bem; o bloco de gelo submerso seria o Id, mais denso, praticamente inquebrável que perfaz a maior parte do todo; o mar, o responsável por tentar manter o equilíbrio entre as duas partes. Os traços do primitivismo estão presentes no Id, na parte submersa do iceberg, esta tão profunda divisão da psique e elo entre o homem moderno e seus antepassados mais primitivos.

Atualmente, não é difícil encontrarmos o primitivismo vindo à tona, seja em obras literárias que retratam sociedade moderna, seja na própria sociedade. No âmbito literário, temos vários exemplos, entre eles a obra de Luiz Ruffato *Eles eram muitos cavalos*, que nos mais diferentes contextos e com diferentes personagens e situações, aborda as mais profundas características humanas.

Os resquícios do selvagem seriam encontrados principalmente na “satisfação repentina das necessidades altamente represadas” (FREUD, 2011, p.20), em outras palavras, existiria um apelo (quase) selvagem, e ao atender a esse apelo, o homem se sentiria plenamente satisfeito. A “satisfação genital” seria a necessidade essencialmente direcionada ao homem; para atender análogo apelo, o homem conservaria junto de si a mulher, objeto para satisfazer seus desejos sexuais. A mulher, por sua vez tem como necessidade

perpetuar a espécie, não se referindo ao ato sexual em si, mas ao produto do mesmo: o filho, sendo o homem necessário para colocar em ação esse desejo, como também para proporcionar segurança à mãe e seus filhos.

Os indícios do homem primitivo ainda podem ser encontrados no homem moderno, mesmo que já não haja a obrigatoriedade da fêmea permanecer junto do macho para criar seus filhotes. O que permanece de maneira mais latente é a busca pela felicidade, que Freud (2011, p.19) afirma ter dois lados, ser uma busca pela “ausência de dor e desprazer [...], a vivência de fortes prazeres”, ou seja, a felicidade seria a vivência dos instintos e a inexistência de impedimentos a essa vivência. Já podemos perceber que a satisfação dos instintos causa uma felicidade plena, mas ignorar estes instintos, ou mesmo não poder realizá-los nos causa mal-estar, como o teórico nos alerta: “torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a saciar as carências.” (FREUD, 2011 p.20). Na atualidade, é difícil ao homem atender a esse “princípio de prazer”, uma vez que a civilização impõe constantemente privações à sexualidade e à agressividade do mesmo, tendo seus desejos restringidos e impossibilitado de viver fortes prazeres, o ser humano acaba por contentar-se em evitar a dor, ou buscar medidas paliativas para diminuir este desprazer.

Três são os recursos paliativos, apontados por Freud (2011, p. 18 e 19), contra o desprazer:

Existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco caso de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. (...) As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental.

Estes recursos são responsáveis (consecutivamente) por distrair-nos de nossos problemas, diminuí-los e deixar-nos insensíveis a eles. Estes recursos são comumente usados pela sociedade, seja através do cultivo de um jardim, da apreciação da arte e da literatura, ou ainda pelo uso de álcool e drogas. Freud (2011) tem uma visão um tanto negativa sobre o papel da diversão e/ou distração da sociedade, no entanto teóricos da sociologia e da antropologia relativizam este problema.

A sociedade antiga e moderna também utiliza(va) de recursos semelhantes aos paliativos psíquicos, seja através de seus governantes ou por meio da mídia. Em Roma, alguns séculos antes de Cristo, espetáculos de lutas entretinham a plateia e distraía-os da realidade política da época e de sua própria realidade; no mundo todo, *reality shows* fazem com que as pessoas voltem seu olhar para o “irmão” enclausurado e esqueçam-se de suas vidas e de seus problemas. Freud (2011, p. 31) afirma que “seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas.” Temos, então a constatação de que a vida em sociedade exige muito do ser humano, que sacrifica seus instintos em favor do coletivo, da moral, da religião, da cultura.

Tamanhas privações impostas pela sociedade seriam responsáveis pelas neuroses, já que nem sempre o homem suporta tantas restrições. Caso elas fossem abolidas, o homem poderia encontrar mais possibilidades de felicidade. Já falamos que a civilização restringe os instintos do homem, mas afinal o que vem a ser civilização para o psicanalista? Freud (2011, p.34) aponta como civilização a

soma de realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si.

Ou seja, a civilização tem dois propósitos: proteger o homem da natureza (através do domínio dela pelo cultivo da terra e no controle de suas forças) e regulamentar as relações entre homens, tarefa das leis. Essa última característica levantada, se dá pela presença da justiça/ direito, que regula as relações sociais fazendo com que o homem sacrifique seus instintos em benefício do coletivo. Ainda no que diz respeito à civilização, são características do homem civilizado a apreciação da beleza e a reprodução dela em seus feitos, bem como a presença de sinais de limpeza e ordem, sendo a sujeira incompatível com um povo civilizado. Após a apresentação de características de povos civilizados, voltemo-nos agora para alguns aspectos encontrados em povos primitivos, que serão necessários no capítulo analítico.

Freud (2013) apresenta que entre povos primitivos era comum a existência do *totemismo* - uma relação especial entre animal, planta ou força da natureza e o homem, uma espécie de vínculo, elo entre o homem e a natureza.

Nas tribos, membros de um clã acreditavam que o animal totêmico anunciaria o futuro de seu clã e “achavam-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo)” (FREUD, 2013, p. 8). O animal totêmico se tornava um ser sagrado e um tabu, a pessoa que o matasse acabava sendo punida (com uma enfermidade e até a morte) por seu feito. De tempos em tempos, estas tribos realizavam festas em que tentavam assemelhar-se ao animal através da aparência ou ações. Outro conceito ligado aos povos primitivos é o da *exogamia*, uma espécie de lei que proíbe que os membros de um mesmo totem mantenham relações sexuais entre si ou se casem, restrição essa que tinha como objetivo prevenir o incesto.

Voltando sua reflexão para o homem moderno, Freud (2011) acreditava que o mal-estar na civilização tinha ordens psíquicas e era gerado pela recusa do indivíduo aos seus instintos (agressividade, sexualidade, “procriação”) ou mesmo à manifestação dos mesmos:

A pessoa se sente culpada (“pecadora”, dizem os devotos) quando fez algo que é reconhecido como “mau” [...] mesmo quem não fez esse mal, e apenas reconhece em si o propósito de fazê-lo, pode se considerar culpado, [...] Com frequência o mal não é, em absoluto, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas, pelo contrário, algo que ele deseja e que lhe dá prazer (FREUD, 2011, p. 70).

Confirmando assim que para muitos pacientes o mal-estar psíquico não tem início na ação realizada, mas na intenção de se realizar tal ação. Na obra de Freud, o mal-estar está presente no homem, em sua mente, em nossa análise esse mal-estar desdobra-se em mal e passa para a literatura. Percebe-se, na passagem anterior, que o mal-estar é antes de tudo psíquico, pois não houve atos, apenas intenção e não era algo ruim ou não aprovável, e sim algo desejado pelo indivíduo. Sendo assim, o mal-estar pode ser gerado tanto pela recusa quanto pela satisfação dos instintos; resistir ao apelo primitivo causa mal-estar no próprio indivíduo, atender a esse apelo gera mal-estar nos outros, naqueles que recusaram seus instintos. Talvez possa ser traçado um paralelo entre o mal-estar gerado pela satisfação dos instintos e o tabu, defendidos por Freud (2011; 2013, p.27):

Sabemos, sem o compreender, que quem faz o proibido, quem viola o tabu, torna-se ele mesmo tabu. [...]

O indivíduo que violou um tabu torna-se ele mesmo tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo. Ele provoca inveja; por que lhe deveria ser permitido o que a outros é proibido? Ele é, portanto, realmente contagioso, na medida em que todo exemplo convida à imitação, e por isso tem de ser evitado.

Em outras palavras, se o indivíduo faz algo considerado proibido, este comportamento torna-se tabu, por despertar o desejo de que outros repitam seu feito. Há uma certa semelhança entre o modo como a civilização controla os instintos do homem contemporâneo e o modo como os povos primitivos regulavam as relações entre pares, tanto o tabu quanto as leis busca(va)m reger, quase padronizar atitudes. Nota-se nesse excerto que não somente o homem contemporâneo conserva traços do homem primitivo, como também a civilização. A sociedade moderna desenvolveu suas formas de regulação dos instintos humanos com base em preceitos antigos.

Em Freud (2011) podemos notar que o mal-estar tem razões psicossociais, afinal principia na sociedade, na sua contínua busca pela regulação das relações humanas, vai para o indivíduo (na recusa ou satisfação de seus instintos) e retorna à sociedade. No que diz respeito ao mal, nem sempre podemos localizar seu início e/ou fim, e podemos afirmar: ele está presente na sociedade; no linchamento de uma suposta sequestradora que utilizaria crianças em rituais de magia negra, no vizinho que mata o zelador do prédio sem razão aparente, no pai de família que espanca a esposa e bota fogo no apartamento sem retirar os filhos e se suicida. Se não podemos afirmar que a vida imita a arte, é nítido que a arte imita a vida, já que a barbárie encontrada nos grandes centros e no interior é a barbárie encontrada em *Eles eram muitos cavalos*.

A motivação para o mal na sociologia tem a ver com questões de exploração capitalista e em sentido histórico com a formação de regime de castas e/ou classes sociais, que constantemente excluem seja através da já dita classe social, da “raça” e da relação entre europeus, africanos e americanos, sendo os primeiros os que fomentam o mal.

2.2 BATAILLE E O MAL NA LITERATURA

Ao contrário de Freud, que teoriza o mal-estar ocasionado por razões psíquicas (que será transmutado em mal, em nossa análise), Bataille (1989) propõe o estudo do mal na literatura, vislumbrando-o na obra de alguns autores. Aspectos específicos do mal em cada um dos oito autores analisados surgiram no estudo de Bataille, entre as obras analisadas está a de Emily Brontë, Baudelaire, Michelet, William Blake, Marquês de Sade, Proust, Kafka e Genet. Deter-nos-emos na concepção de mal de apenas três dos autores citados anteriormente, uma vez que as outras concepções não podem ser relacionadas à obra analisada. Priorizaremos então o estudo do mal nas obras de Baudelaire, Sade e Kafka.

2.2.1 Baudelaire e o Mal como Negação do Bem

Bataille inicia o capítulo de Baudelaire (BATAILLE, 1989, p.29) citando o que Sartre afirma ser a posição moral do poeta:

Fazer o Mal pelo Mal é exatamente fazer de propósito inteiramente o contrário do que se continua a afirmar como o bem. É querer o que não se quer - já que se continua a dominar os poderes malignos - e não se querer o que se quer - já que o Bem se define como o objeto e o fim de vontade profunda.

Nessa passagem, Sartre apud Bataille, 1989 define a posição de Baudelaire como contrária ao consenso e para ilustrar tal proposição, Bataille traça um paralelo entre os atos do poeta e de um “culpado vulgar” a um padre das missas negras e um ateu. Este último não acredita na existência divina, pois decidiu ser indiferente a Deus; por sua vez o primeiro odeia Deus, injuria-o, nega sua existência, sua negação funciona como uma confirmação de que Deus existe. Bataille (1989, p.29) reforça que “Deixasse ele um instante de afirmá-la, sua consciência voltaria a estar de acordo consigo mesma, o Mal imediatamente se transformaria em Bem”, ou seja, caso o poeta deixasse de negar o bem, o Mal presente na sua obra se transformaria em bem. Deixando de lado a comparação realizada pelo autor de *A Literatura e o Mal*, em Baudelaire o mal simplesmente existe, da mesma forma que existe o bem, confirmado em Bataille (1989, p.30)

[...] a criação deliberada do mal, isto é, a falta, é aceitação e reconhecimento do Bem; ela o homenageia e, batizando-se a si mesmo como má, confessa que é relativa e derivada, que, sem o Bem, ela não existiria.

Na poesia de Baudelaire a liberdade é tida como uma característica muito forte, uma espécie de “fuga” da ordem estabelecida e do apoio do Bem. Ainda de acordo com Sartre, Baudelaire “nunca ultrapassou o estágio da infância” (Sartre *apud* Bataille, 1989, p.30), devido a sua recusa a assumir as responsabilidades do adulto e agir como tal.

Ainda versando sobre a liberdade, Bataille (1989, p. 32) apresenta que

A liberdade seria a rigor um poder de criança: ela já não seria para o adulto engajado na ordenação obrigatória da ação senão um sonho, um desejo, uma ideia fixa. [...] Evidentemente a liberdade da criança (ou do diabo) é limitada pelo adulto (ou por Deus) que faz dela uma zombaria (que a inferioriza): a criança alimenta nessas condições sentimentos de ódio e de revolta, que refreiam a admiração e a inveja.

Em outras palavras, a liberdade do adulto é limitada por uma ordem estabelecida, sendo um sonho; já a liberdade da criança é limitada pelo adulto, o que não impede que ela sinta ódio em vez de admiração, e revolta no lugar da inveja. Para ilustrar tal afirmação, pensemos num adulto que decide dirigir em alta velocidade nas ruas de sua cidade, mas desiste porque as leis de trânsito não permitem que ele dirija acima de 40 km/h. O dirigir perigosamente passa a ser um sonho, uma ideia distante.

A poesia de Baudelaire é tida como maldita pela liberdade que o autor teve em mostrar aquilo que devia ser vislumbrado por nós, mas é esquecido. Sartre (*apud* Bataille, 1989, p. 34) expõe que a missão imediata de Baudelaire é “remeter a consciência de si”(BATAILLE, 1989, p.34); essa consciência seria atingida quando o poeta mostra o que vale a pena ser visto.

Outro tema central na obra do poeta é a oposição, que pode ser representada em três aspectos. No primeiro deles, Bataille esclarece que desde pequeno Baudelaire conviveu com dois sentimentos contraditórios, “o horror da vida e o êxtase da vida” (BATAILLE, 1989, p.40), ou seja, a contradição estava em seu íntimo desde criança.

No segundo aspecto, temos a negação do primado do amanhã e da repetição do passado por parte do poeta “maldito”, sendo priorizado o primado do presente. A negação do primado do amanhã se relaciona também ao horror que o poeta sentia pelo trabalho e em acumular recursos, já a busca por

prazerera a priorização do momento presente. Ainda a respeito do segundo aspecto, mesmo priorizando a vivência do instante, do presente, a poesia de Baudelaire acaba sendo eternizada, sendo então “um contrário da poesia” que ele mesmo pregou.

Como terceiro aspecto, temos a relação entre a vida e obra de Baudelaire. O poeta negava o futuro, tinha horror ao trabalho e à acumulação de bens, característica predominante na sociedade burguesa, mas ele próprio fazia parte da burguesia, mesmo negando-a. Ao dedicar-se a viver intensamente o momento presente, esbanjando seus recursos, e ao mostrar aquilo que está oculto e que a sociedade burguesa deve vislumbrar, na verdade Baudelaire somente está afirmando sua maldade. Se o mal simplesmente existe, conforme nos apresenta Bataille, somente Baudelaire pode ser seu maior representante.

2.2.2 Sade e o Mal como Sofrimento

A liberdade impossível, essa é uma das características buscadas por Sade em suas obras. Bataille (1989, p.97) afirma que a essência da literatura de Sade “é destruir: não somente os objetos, as vítimas, cenário [...] mas o autor e a própria obra”, confirmado no próprio testamento do autor, que dava orientações sobre como deveria ser seu túmulo e o principal, sobre ele deveria ser semeado algo para que não restassem vestígios da sepultura.

Em Sade, o mal pode ser visto como a subversão, a violência, o impulso sexual levado ao extremo, realizados de maneira consciente. O objetivo é atingir o “arrebatamento”, suprimir a “diferença entre sujeito e o objeto” (*idem*), levando as quedas das barreiras que os separam, fazendo com que ele se torne o outro e que juntos atinjam o gozo e a perda da consciência.

O marquês chegou a ser conhecido como “ser supremo em maldade”, e afirmavam que ele “teve em sua longa vida apenas uma ocupação [...] a de enumerar até o esgotamento as possibilidades de destruir seres humanos, de destruí-los e gozar ao pensamento de sua morte e de seu sofrimento.” (p. 104). A satisfação sexual era atingida por um método quase religioso e era alcançada através da desordem sexual, da punição e sofrimento do outro, da

violência sofrida que levavam ao gozo, mesmo que esse gozo fosse considerado por outros como tormento, destruição e morte.

2.2.3 Kafka e o Mal Dissimulado

Fazer “uma armadilha de cada palavra” (BATAILLE, 1984, p. 132), essa seria uma boa definição de Kafka, utilizar a palavra para surpreender, confundir, dissimular. Bataille (*idem*) aponta que

O mais inútil sem dúvida é dar um sentido aos escritos propriamente literários, em que frequentemente se viu o que não há, em que se viu, no melhor dos casos, o que se encontra, uma vez esboçado, também oculto à mais tímida afirmação.

Dizendo de outra forma, em sua literatura aquilo que parece com certeza não é. O uso que o escritor faz das palavras nos dão uma ideia de orientação, e essa orientação é falsa, dissimulada, e somente podemos perceber o labirinto que Kafka nos coloca quando nos afastamos dele e passamos a desconfiar de suas palavras. O trabalho habilidoso do autor poderia nos fazer acreditar durante quase todo um enredo, devido a falsas pistas, que um perigoso assassino seria na verdade um inocente injustiçado, mesmo sendo ele um criminoso.

Elemento importante na obra de Kafka é a infantilidade, a incapacidade do autor em abandonar aspectos infantis e tornar-se um adulto responsável, em propor um casamento e tornar-se pai, em assumir o que o satisfaz e ser um homem feliz. Sua infantilidade era expressa através de falsos tiques no rosto, na caminhada com braços cruzados atrás da cabeça, e outros caprichos de criança, Kafka apud Bataille, 1989, p.139 escreveu em seu diário que

Quando ainda estava satisfeito, queria estar insatisfeito e por todos os meios da época e da tradição que me eram acessíveis, eu me impelia para a insatisfação; atualmente gostaria de poder voltar a meu estado inicial. Assim é que me encontrava sempre insatisfeito, mesmo com minha insatisfação.

Ou seja, Kafka negava seus sentimentos, buscando sempre demonstrar o contrário do que realmente sentia, se estava insatisfeito, demonstrava estar satisfeito e vice-versa. Ele se sentia feliz e satisfeito com sua insatisfação, sua tristeza. Sendo assim, Bataille confirma que “o mais secretodessa infelicidade era uma alegria tão intensa que ele fala de morrer

dela” (BATAILLE, 1989, p.140). Seu objetivo não era tão somente mostrar-se infeliz mesmo quando feliz, mas também produzir a infelicidade entre os seus. Embora expressasse a intenção de intitular sua obra como “*Tentações de evasão fora da esfera paternal*”, Bataille (1989) afirma que o escritor nunca quis evadir-se da esfera paternal, mas ao contrário, se esforçava para participar da sociedade da qual o pai fazia parte, mas sua infantilidade o tornava insuportável e fazia com que fosse excluída, exclusão essa desejada por ele.

2.3 ARENDT E A BANALIDADE DO MAL

Reportado por correspondentes do mundo inteiro, o julgamento de Adolf Eichmann foi um dos mais impactantes eventos, talvez único em que o carrasco foi capturado e levado para ser julgado em tribunais israelenses. Hannah Arendt, também judia, foi correspondente desse acontecimento histórico; os fatos, testemunhos e as impressões podem ser encontrados na obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Arendt (2013) cunha então um importante conceito: a *banalidade do mal*. Mas o que seria essa *banalidade do mal*? A autora explica:

Pois quando falo da banalidade do mal, falo num nível estritamente factual, apontando um fenômeno que nos encarou de frente no julgamento. Eichmann não era nenhum Iago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua mente do que a determinação de Ricardo III de ‘se provar um vilão’. A não ser por sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação [...]Para falarmos em termos coloquiais, *ele simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo*. [...] Ele não era burro. Foi pura irreflexão (ARENDDT, 2013, p. 310, 311; grifo nosso)

Ou seja, em Eichmann, a *banalidade do mal* era a incapacidade de emitir um juízo crítico. A filósofa chega a tal conceito após o relato desse homem, que participou do assassinato de milhões por cumprir ordens. O próprio Eichmann afirmou “Não sou o monstro que fazem de mim. [...] Sou vítima da falácia” (ARENDDT, 2013, p.270), vítima porque ele teria tido a punição que os líderes mereciam, justo ele, que, conforme relata Arendt (2013, p.269)

nunca tinha nutrido ódio pelos judeus, e nunca desejou a morte de seres humanos. Sua culpa provinha de sua obediência, e a obediência é louvada como virtude. Sua virtude tinha sido abusada pelos líderes nazistas.

O que surpreendeu tanto o júri quanto o mundo inteiro foi o carrasco que se apresentava diante deles:

O problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que - como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados - esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado. (ARENDR, 2013, p. 299; grifo nosso)

Eichmann, ao contrário do que se imaginava, não sentia raiva pelos judeus, nem prazer em matá-los, mas aparecia diante da corte como um funcionário fiel, que somente segue ordens. Após a condenação, Arendt (2013, p.312) afirma:

Ouvimos os protestos da defesa dizendo que Eichmann era afinal apenas uma “pequena engrenagem” na máquina da Solução Final, bem como os da acusação, que acreditava ter descoberto em Eichmann o verdadeiro motor. Eu mesma não atribuí as duas teorias importância maior do que a que lhes atribuiu a corte de Jerusalém [...] Mas na medida em que continua sendo um crime – e essa é, de fato, a premissa de um julgamento – todas as engrenagens da máquina, por mais insignificantes que sejam, são na corte imediatamente transformadas em perpetradores, isto é, em seres humanos. (grifo nosso)

Se Eichmann era somente uma pequena engrenagem, um funcionário que poderia ter seu serviço realizado por outro, ou se era realmente o motor, por ter participado arduamente - mesmo que de forma passiva – isso não muda o fato de que milhões de pessoas morreram pelas mãos de homens, não de máquinas.

Em suma, na banalidade do mal, esses homens obedientes não se dão conta de seus próprios erros, não emitem juízo crítico. Traçando um paralelo com os tempos modernos, na banalidade do mal, os “agentes do mal” são como marionetes, deixando-se manipular por superiores, mas também desfrutam de uma posição cômoda, na qual recusam qualquer responsabilidade sobre seus atos.

2.4 AGAMBEN E O MAL COMO VERDADE

Agamben (2013, p.18) sobre a ética afirma que

[...] o bem se revela como apreensão do mal e em que o autêntico e próprio revelam ter o inautêntico e o impróprio como conteúdos exclusivos [...] A verdade não pode manifestar-se a si própria sem manifestar o falso, que no entanto não é separado dela e expulso para outro lugar [...] a verdade só se manifesta dando lugar a não-verdade.

Nessa passagem notamos que o bem necessita do mal, que a verdade precisa da mentira para existir. Quanto ao bem ser uma apreensão do mal, podemos compreender melhor em:

Ela não significava, como se concluía da grosseira falsificação dos polemistas e inquisidores, que o perfeito tivesse a pretensão de poder cometer sem pecado os defeitos mais repugnantes (esta foi sempre a perversa fantasia do moralista); significava, pelo contrário, que o perfeito se tinha apropriado do mal e da impropriedade e não podia, por isso, fazer o mal (AGAMBEN,2013, p.19; grifo nosso).

O perfeito, ou o bem, tinha se apropriado de todo o mal possível e de tudo que é impróprio e não podia por isso fazer o mal. Apesar de Agamben (2013) postular prioritariamente sobre o bem, podemos ter uma noção do que é mal em *O que resta de Auschwitz* (2008), também do mesmo autor. Na obra, Agamben apresenta a singularidade para o mal, presente nos campos de concentração:

O campo é, de fato, o lugar em que desaparece radicalmente toda distinção entre próprio e impróprio, entre possível e impossível. Isso se deve ao fato de que, no caso, o princípio segundo o qual o único conteúdo do próprio é o impróprio se verifica exatamente pelo inverso, que afirma que o único conteúdo do impróprio é o próprio. E assim como, no ser-para-a-morte, o homem se apropria autenticamente do inautêntico, assim também, no campo, os deportados existem *cotidiana e anonimamente* para a morte. A apropriação do impróprio já não é possível, porque o impróprio apossou-se integralmente do próprio, e os homens vivem em cada instante, fatidicamente para a morte (AGAMBEN, 2008, p.82).

Os campos de concentração seriam os locais onde se observa a quebra do princípio do bem, e o mal surge como soberano. Há uma inversão dos conceitos, pois nestes locais a mentira é tomada como verdade e o mal como bem; lá as pessoas viviam para morte (à espera dela), ou poderiam ser consideradas como mortos que ainda viviam, aquilo que parecia impossível, segundo Agamben, em Auschwitz “a morte em massa” é provada como o impossível possível.

Voltada para aspectos extremamente humanos, mas ao mesmo tempo filosóficos, a teoria de Agamben (2013) é comprovada através da tragédia que foi o Holocausto. Nunca o mal foi tão colocado à prova como durante este acontecimento histórico. Ao contrário de Bataille, que estudou o mal na literatura, e Arendt que cunhou sua *banalidade do mal* em um estudo de caso, Agamben apresenta seu mal de modo genérico, não atentando para casos específicos, mas para um acontecimento específico, o Holocausto.

2.5 BAUDRILLARD E A TRANSPARÊNCIA DO MAL

Em obra publicada em 1990, Baudrillard realiza em um ensaio alguns apontamentos sobre o que seria o princípio do mal. O autor realizou um estudo de caso, utilizando como exemplo o aiatolá Khomeini, líder religioso e chefe do Irã. O autor expõe que

Enfrentado al mundo entero, en una relación de fuerzas política, militar y económica totalmente negativa, el ayatollah dispone de una sola arma, inmaterial, pero que no está lejos de ser el arma absoluta: el principio del Mal. Denegación de los valores occidentales de progreso, de racionalidad, de moral política, de democracia, etc. Negar el consenso universal sobre todas esas buenas cosas le confiere la energía del Mal, la energía satánica del réprobo (BAUDRILLARD, 1991, p.89 e 90).¹

Historicamente falando, aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini foi um importante líder religioso entre os xiitas, participou da revolução islâmica e proclamou a República Islâmica do Irã. O mandato de um aiatolá é ilimitado, perpassa o nível religioso, e conferindo a ele fiscalizar os três poderes e comandar as forças armadas. O governo de Khomeini foi caracterizado pela hostilidade a antiga União Soviética e aos Estados Unidos. No excerto de Baudrillard, citado anteriormente, o *princípio do mal* seria uma abstração construída por Khomeini, uma negação do que todos tinham como consenso, relacionada principalmente aos valores ocidentais de progresso, racionalidade, moral política. Negação esta justamente por ser defendida pelo ocidente.

¹Tradução livre realizada por este autor : Enfrentando o mundo inteiro, numa relação de forças política, militar e econômica totalmente negativa, o aiatolá dispõe de uma só arma, imaterial, mas que não está longe de ser a arma absoluta: o princípio do Mal. Negação dos valores ocidentais de progresso, racionalidade, moral política e de democracia, etc. Negar o consenso universal sobre todas essas coisas boas confere a ele a energia do Mal, o fulgor da parte maldita.

Mais adiante, Baudrillard(1991) sugere que esta distinção entre bem e mal que o mantém em opostos extremos somente teria validade perante um “modelo racional” (esse modelo racional poderia ser considerado o modelo ocidental de ser, que define o correto do incorreto o bem e o mal) e que fora deste modelo, o bem e o mal são inseparáveis, até mesmo dependentes um do outro, que pode ser confirmado a seguir:

Ante un proceso que supera en mucho la voluntad individual y colectiva de los actores, no podemos más que admitir que cualquier distinción entre el bien y el mal (y, por tanto, en este caso la posibilidad de opinar de la justa medida del desarrollo tecnológico) sólo vale estrictamente en el margen ínfimo de nuestro modelo racional —dentro de estos límites son posibles una reflexión ética y una determinación práctica—. Más allá de este margen, a la altura del conjunto del proceso que hemos desencadenado y que ahora se desarrolla sin nosotros con la implacabilidad de una catástrofe natural, reina, para bien o para mal, la inseparabilidad del bien y el mal, y por consiguiente la imposibilidad de promover al uno sin el otro. Esto es exactamente *el teorema de la parte maldita*, y no hay otro motivo para preguntarse si debe ser así; es así, y no reconocerlo significa caer en la mayor ilusión (BAUDRILLARD,1991, p. 114; grifo nosso).²

O *teorema da parte maldita*, defendido por Baudrillard (1991), alerta-nos para a impossibilidade de realizarmos o bem sem realizar o mal. Ligado à concepção de mal, está o maniqueísmo. Religião fundada por Mani em 230, o maniqueísmo era uma mistura dos elementos gnósticos que consideravam cristãos e orientais, que buscava classificar o mundo numa forma dualista, dividindo-o entre bem e mal, defendia também que em qualquer conflito existiria um representante do bem e outro do mal. Nessa visão dualista temos dois extremos: os EUA x o Oriente.

Alguns americanos consideram-se o povo eleito por terem deixado a Inglaterra, graças a perseguições religiosas e encontrado uma nova terra na América, e devido a esse fator consideram a si mesmos e a seu modo de vida como exemplos do bem; para estes, o mal seria tudo aquilo (todo aquele)

²Tradução livre realizada por este autor: Num processo que supera muito a vontade individual e coletiva dos atores, podemos apenas admitir que qualquer distinção entre o bem e o mal (e, portanto, neste caso a possibilidade de avaliação da medida apenas do desenvolvimento tecnológico) vale estrictamente na margem reduzida de nosso modelo racional - dentro destes limites são possíveis uma reflexão ética e uma determinação prática-. Além desta margem, no auge do processo que temos desencadeado e que agora se desenrola sem nossa presença com a implacabilidade de uma catástrofe natural, imperá, para melhor ou pior, a unidade do bem e do mal, e portanto a impossibilidade de promover um sem o outro. Este é exatamente o *teorema da parte maldita*, e não há nenhuma razão para se perguntar se ele deve ser assim; é assim, e não reconhecer isso significa cair na maior ilusão.

diferente, distinto do americano. Por sua vez, alguns orientais, muçulmanos, consideram-se servos do verdadeiro e único Deus: Alá, e os defensores do bem. Para estes, os “infiéis” são aqueles que não seguem os preceitos do Alcorão, e que, além disso, não praticam o bem e a caridade. Vertentes mais radicais, chamados fundamentalistas, pregam a “guerra santa”, a morte em combate aos infiéis; para os fundamentalistas, aquele que não segue o islamismo é infiel, mal e precisa ser combatido.

O bem e o mal não podem ser definidos de maneira estanque, objetiva. O que os ocidentais consideram como bem, talvez não seja o que os orientais assim consideram, da mesma forma que aquilo que é tido como mal para os ocidentais não seja visto como algo danoso, prejudicial ou intolerável pelos orientais. O mal não pode ser o fruto do maniqueísmo, no mundo moderno existem diversas religiões, crenças, culturas e não se pode dizer uma crença diferente da sua é ruim ou reprovável, apenas são pontos de vistas, ideias distintos.

Discursando sobre *La producción ininterrumpida de positividad* - que talvez pudéssemos relacionar a uma positividade em excesso, extrema - o autor afirma que

La producción ininterrumpida de positividad tiene una consecuencia terrorífica. Si la negatividad engendra la crisis y la crítica, la positividad hiperbólica engendra, a su vez, la catástrofe, por incapacidad de destilar la crisis y la crítica en dosis homeopáticas. Cualquier estructura que acose, que expulse y exorcize sus elementos negativos corre el peligro de una catástrofe por reversión total, de la misma manera que cualquier cuerpo biológico que acose y elimine sus gérmenes sus bacilos, sus parásitos, sus enemigos biológicos, corre el peligro de la metástasis y el cáncer, es decir, de una positividad devoradora de sus propias células, o el peligro viral de ser devorado por sus propios anticuerpos, ahora sin empleo(BAUDRILLARD, 1991, p.115; grifo nosso).³

Em outras palavras, para Baudrillard parece ser impossível extinguir a negatividade, pois isso poderia trazer uma “catástrofe por reversão total”. Pode

³Tradução livre realizada por este autor : A produção ininterrupta de positividade tem uma consequência terrível. Se a negatividade gera a crise e a crítica, a positividade em demasia gera, por sua vez, a catástrofe, por ser incapaz de destilar a crise e a crítica em doses homeopáticas.Qualquer estrutura que assediar, expulsar ou exorcizar os elementos negativos corre o risco de uma catástrofe por reversão total, da mesma maneira que qualquer corpo biológico que assedie e elimine germes e bacilos, parasitas e outros inimigos biológicos, corre o perigo de sofrer a metástase do câncer , ou seja, a positividade devorando suas próprias células, o perigo viral de ser devorado por seus próprios anticorpos, que agora estão desempregados.

se extrair dessa passagem à necessidade de equilíbrio resultante do choque entre o bem e o mal, sendo então esse excesso (mesmo que inicialmente para o bem), esse desequilíbrio, *o princípio do mal*.

Todo lo que expurga su parte maldita firma su propia muerte. Así reza el teorema de la parte maldita. La energía de la parte maldita, la violencia de la parte maldita, es la del principio del Mal [...]El principio del Mal no es moral; es un principio de desequilibrio y de vértigo, in principio de complejidad y de extrañeza, un principio de seducción, un principio de incompatibilidad, de antagonismo e irreductibilidad. No es un principio de muerte, sino, muy al contrario, un principio vital de desunión (BAUDRILLARD, 1991, p.115 e 116; grifo nosso).⁴

O princípio do mal, de Baudrillard, parece ser mais esclarecedor nessa passagem. Não se trata de um princípio de morte, e sim um princípio de desequilíbrio, de estranheza, de desunião, um princípio de vida. Voltando a questão usualmente maniqueísta de bem e mal, aquilo considerado mal pelo oriente não foi extinto, expurgado, ainda existe, da mesma forma que o que é considerado mal pelo ocidente também permanece. As definições de bem e mal dos povos do oriente e do ocidente são regidas por um princípio de antagonismo, de incompatibilidade e de desunião porque em sua essência não somente as nações se diferem umas das outras, mas também devido a aspectos culturais, históricos, econômicos e religiosos, o que não nos dá o direito de reduzirmos essas distinções de forma maniqueísta.

2.6 O PROGRESSO DA CIVILIZAÇÃO

A filosofia sempre se mostrou interessada pela humanidade, nos mais diversos aspectos, entre eles está a relação entre progresso e civilização, e principalmente, nas consequências do progresso para a vida humana. Adorno e Horkheimer (1947) buscavam investigar porque a humanidade afastava-se cada vez mais do humano, seguindo em direção à barbárie. Na obra, os autores expõem que o progresso do pensamento tinha como objetivo livrar

⁴Tradução livre realizada por este autor: Todo aquele que expurga sua parte maldita assina sua própria morte. Assim reza o teorema da parte maldita. A energia da parte maldita, a violência da parte maldita, é o princípio do Mal [...]O princípio do mal não é moral; é um princípio de desequilíbrio e tontura, um princípio de complexidade e estranheza, um princípio de sedução, um princípio de incompatibilidade, de antagonismo e irreductibilidade. Não é um princípio de morte, mas pelo contrário, um princípio fundamental de desunião.

os homens do medo, mas o esclarecimento e o desencantamento do mundo trouxeram consigo a ruína:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal (ADORNO E HORKHEIMER, 1947, p.5).

Em outras palavras, o esclarecimento que primeiramente se destinava a desmistificar o mundo para o homem, tornou-se responsável por trazer a desgraça, pois o homem tornou-se senhor de seu medo, e senhor dos outros homens também. Para os filósofos, o progresso parece aproximar-se de um regresso:

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência e esse interesse constante pela dominação faz o homem regredir ao primitivismo (ADORNO E HORKHEIMER, 1947, p.05).

Já que o homem não só busca dominar completamente a natureza, mas os outros homens também, regredindo à selvageria por causa dos meios de que se utiliza para atingir tais feitos.

Assim como Adorno e Horkheimer (1970), Benjamin (1994) também parece estar convencido de que o progresso não traria tantos benefícios para a civilização. Em seu ensaio *Sobre o conceito de história*, o autor versa a respeito das possíveis diferenças entre o historiador (que se atenta em contar a história pelo lado dos vencedores) e o materialista histórico (que escova “a história a contrapelo”, contando-a pelo ponto de vista contrário). De acordo com o filósofo, a concepção de história que temos não condiz com a realidade, o que nos leva ao sentimento de assombro com os acontecimentos ocorridos no século XX (guerras e outras catástrofes).

Podemos interpretar isso como sendo a consequência do “mascaramento” da realidade pelo historiador, que tende a florear os fatos, sempre dando voz aos vencedores. A humanidade sente-se assombrada com tais feitos, sem perceber que a violência cometida pelos vencedores talvez não justifique a violência sofrida pelos vencidos, mesmo assim, os vencidos

continuam sem voz nem vez. Benjamin ilustra seu conceitode história e nos apresenta o conceito de progresso através de uma comparação com uma pintura:

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994, p.226).

Por meio desta comparação, Benjamin (1994) apresenta que o progresso é um paradoxo pois inevitavelmente traz em si elementos ruins(o quadro, citado por Benjamin encontra-se como anexo). A história presente consistiria numa tentativa de juntar os cacos das catástrofes passadas, acordar nossos mortos de guerra, as vítimas do Holocausto, mas o progresso sempre nos impelindo para o futuro,não permite parar e as ruínas só aumentam.

O mal tem sidomuito explorado seja por psicólogos, sociólogos, filósofos e religiosos. As teorias apresentadas aqui nos dão um bom panorama sobre os conceitos do mal, sendo que muitas delas não se anulam, mas se complementam. Nem todas estas teorias serão encontradas nas análises, uma vez que nas narrativas haverá a predominância de um ou outro conceito, contudo buscaremos realizar uma análise que aborde quantas teorias puder, mesmo que seja para negar sua presença.

Os conceitos apresentados anteriormente pertencem a diferentes campos de conhecimento, contudo há um ponto em comum que nos permite reuni-los neste trabalho: cada teoria tem uma visão sobre o mal presente no homem.

3 O MAL E OS HOMENS-CAVALOS

No capítulo anterior, expomos algumas concepções do mal, neste capítulo, buscamos identificar o mal e sua reverberação nas narrativas, nos personagens e na própria obra. Na obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz

Ruffato, as narrativas que serão investigadas são *Ratos*, *Chacina nº41*, *De branco* e *{- Mulher...ô mulher...*. Todas elas escolhidas de acordo com nossas impressões e com a temática deste trabalho, já na escolha dos personagens a serem analisados, deu-se preferência àqueles usualmente estereotipados, ou frequentemente ignorados. A obra de Luiz Ruffato é composta por 69 textos diversos, e uma página em preto; os textos vão de carta, cardápio, horóscopo, a anúncios de empregos e de serviços sexuais, pequenas narrativas, entre outros. O elemento comum nas narrativas a serem vislumbradas é o local onde os enredos se desenrolam, a cidade de São Paulo, e a data em que ocorrem, terça-feira, 9 de maio de 2000, os personagens não se repetem e os enredos não possuem uma continuidade, mesmo assim, em sua totalidade, a obra é repleta de sentidos e fonte de inúmeras análises.

Deter-nos-emos a investigar o mal nas narrativas selecionadas por consideramos a temática como pertinente à obra a ser analisada. Percebe-se através de elementos extratextuais que o mal está presente nos títulos e nas duas epígrafes da obra.

“Eles eram muitos cavalos, mas ninguém mais sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem...” (RUFFATO, 2010, s.p.), são versos pertencentes à obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles e foram utilizados por Ruffato na primeira epígrafe e no título. Ao realizar tal escolha, o autor parece traçar um paralelo entre os cavalos e o homem, tomar o homem como animalizado, instintual. Uma vez que são numerosos, não se sabe sua raça, nome ou origem, e como se trata de cavalos, no plural, pode-se tomá-los como uma manada, com sua beleza, sua liberdade, seu descontrole. Numa manada, na vida selvagem, vale a lei do mais forte, na vida em sociedade, acrescenta-se também a lei do mais esperto.

A segunda epígrafe é o último ponto extratextual que se relaciona com o mal. “Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?” (RUFFATO, 2010, s.p.), é um trecho do salmo 82 (da Bíblia evangélica; salmo 81 da Bibliacatólica) que faria referência a uma situação em que Deus estaria diante de outros deuses, os juízes poderosos da terra, e os questionaria quanto ao julgamento imparcial, que favoreceria os ímpios. Através desta passagem, confirma-se que a própria justiça por vezes é injusta, e que a justiça verdadeira

seria a divina. O mal estaria presente nas injustiças, nos julgamentos imparciais, no favorecimento de alguns em detrimento a muitos.

Somando os aspectos citados, podemos afirmar que a cidade de São Paulo apresentada por Ruffato é uma cidade em desequilíbrio, pois o mal se faz presente tanto nos habitantes que negam seus instintos, e se sentem culpados mesmo sem cometer algo ruim, apenas por ter tido tais desejos, confirmado em Freud (2011, p.70):

A pessoa se sente culpada (“pecadora”, dizem os devotos) quando fez algo que é reconhecido como “mau” [...] mesmo quem não fez esse mal, e apenas reconhece em si o propósito de fazê-lo, pode se considerar culpado.

O mal é encontrado também naqueles que colocam os desejos primitivos em prática. Apesar de ser muito grande, a cidade não é civilizada o suficiente, prova disso é o rio Tietê, que sofreu bastante com a intervenção humana. Primeiro, o rio teve seu leito reduzido para a construção de marginais e posteriormente tornou-se local de despejo de resíduos industriais e esgoto doméstico, mudanças estas que acarretam as enchentes em época de grande precipitação (acrescenta-se ainda a grande quantidade de asfalto e pouco solo) e a poluição ambiental.

Eles eram muitos cavalos prioriza em seus textos as classes mais baixas e marginalizadas, embora não deixe de trazer personagens e situações relacionadas à classe média e alta. Os textos são os mais diversos e as narrativas não seguem um padrão, por vezes mostram apenas um instante do dia, outras priorizam um período (manhã, tarde ou noite), outras abarcam o dia todo e podem ainda remeter a um passado (através das memórias do personagem). Ruffato abre em sua literatura algumas situações e permite ao leitor tirar suas conclusões e fazer seus julgamentos. Não há certo ou errado, as escolhas são realizadas pelo leitor e dependentes de sua recepção.

Analisando a obra, podemos considerar que o mal está presente nela desde o narrador. Conforme afirma Sartre (*apud* Bataille 1989, p.34), absorvidos por pequenos detalhes da poesia, geralmente esquecemos nós mesmos, mas Baudelaire não nos deixa esquecer, pois sua missão seria “remeter à consciência de si” (BATAILLE, 1989, p.34). O poeta abre os olhos para os *objetos de contemplação poética*, para que através deles possa se

chegar à consciência. Em outras palavras, Baudelaire mostra aquilo que precisa/vale a pena ser visto (e que geralmente não é mostrado, é ocultado) para provocar a consciência do leitor. O mal de Baudelaire é encontrado no narrador de *Eles eram muitos cavalos*, pois mostra situações e seres humanos que nós, enquanto classe média consumidora de literatura, não imaginamos que exista, e que estão presentes na obra, de maneira verossímil.

Após esta breve exposição sobre as características da obra, passemos para a investigação do mal nas narrativas selecionadas. Faz-se necessário salientar que nos conceitos de mal não há distinção entre o mau (adjetivo) e mal (advérbio), sendo que esta diferença não interfere nas teorias apresentadas, contudo utilizaremos a grafia correta, contextualizada com as narrativas analisadas.

3.1 RATOS

“Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha uma casquinha de pão” (RUFFATO, 2010, p.20), é deste modo que se inicia a primeira narrativa a ser investigada. Embora num primeiro momento possa se pensar que se trata da descrição destes pequenos seres no lixo, nas ruas, logo em seguida essa visão é desconstruída, na verdade se trata do amanhecer num barraco (descrito minuciosamente). Na humilde e suja casa, os humanos convivem com ratos, pulgas, percevejos, estão mal alimentados e vestidos e praticamente tudo que possuem o narrador nos apresenta como fruto de doação. A personagem Mãe tem sete filhos, já teve um marido mas “incendiou-o” porque abusava de sua filha mais velha; a filha de onze anos cuida dos quatro irmãos mais novos e conta histórias à noite, “inoculando sonhos”, até na mãe, que está mantendo relações com mais um desconhecido, o que desperta-nos a impressão de que a mesma se prostitui.

Em *Ratos* temos um narrador onisciente, está em todos os lugares e conhece até o sentimento dos personagens. A escolha lexical realizada, o modo como a narrativa se desenrola e os símbolos envolvidos faz com que classifiquemos o narrador como sendo mau, com base nos escritos de Baudelaire. Esse mal existe, e é encontrado principalmente através da desconstrução. Há uma quebra nos estereótipos de animal, humano, mãe e lar;

nesta narrativa Ruffato nos mostra uma realidade que não queremos ver para que, assim como faz Baudelaire, nos tornemos conscientes dessa realidade e de nós mesmos.

Na narrativa, os animais possuem características humanas, já os humanos parecem animalizados. Para melhor compreensão, iremos primeiramente expor as características dos animais através de trechos do texto.

“Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha uma casquinha de pão, observando os companheiros que se espalham nervosos por sobre a imundície, como personagens de um videogame” (RUFFATO, 2010, p.20; grifo nosso).” Os ratos são os primeiros seres a serem descritos na narrativa, e são percebidos como sendo seres de ação. Ao ficar em pé e rilhar, roer uma casquinha de pão, um dos ratos realiza a ação como um ser humano, até aí nada de incomum já que ratos se alimentam desta forma. Só que esse rato não olha para os outros, observa; os outros ratos não são roedores quaisquer, são companheiros do primeiro e estão nervosos no meio da sujeira, seria por ter tanto o que comer ou porque se sentiam incomodados na imundície? Ainda neste trecho, os animais são comparados a personagens de um jogo. Continuando com nossa investigação, temos mais uma passagem em que eles novamente são citados:

Outro, mais ousado, experimenta mastigar um pedaço de pano emplastado de cocô mole, ainda fresco, e, desazado, arranha algo macio e quente, que imediatamente se mexe, assustando-o. No após, refeito, aferra os dentinhos na carne tenra, guincha. Excitado, o bando achega-se, em convulsões. (RUFFATO, 2010, p.20; grifo nosso).

Os ratos têm suas diferenças; este possui ousadia e é um pouco desajeitado, experimenta um pano sujo, arranha o bebê, se assusta quando este se mexe, agarra-se à carne tenra e grita chamando seus companheiros.

Nessa passagem agregam-se atitudes dos animais como arranhar, aferrar os dentes (agarra-se a algo com os dentes), guincha (o grito emitido pelos roedores). A ousadia, a experimentação, o susto, a excitação, são características que evidenciam os ratos como seres ativos, e os humanos (representados pelo bebê) como seres passivos.

Além dos ratos temos também outros animais, como lêmbeas, ratazanas, pulgas, percevejos e baratas, que convivem com os humanos, lutam por seu lugar no barraco e até se reproduzem lá dentro, confirmado em:

E lêmbeas explodem nos pixains encipoados das crianças e ratazanas procriam no estômago do barraco e percevejos e pulgas entrelaçam-se aos fiapos dos cobertores e baratas guerreiam nas gretas (RUFFATO, 2010, p.22).

Poderíamos relacionar essa relação tão singular entre humanos e ratos como algo totêmico. Freud (2013, p.08) explica que entre os povos primitivos não há a presença de instituições religiosas, mas impera o sistema do totemismo e que neste sistema

Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu totem. Mas o que é o *totem*? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã.

Chevalier e Gheerbrant (1990) consideram os ratos como propagadores da peste, ligados à atividade noturna e clandestina, e à apropriação fraudulenta ou ainda símbolo de fecundidade, abundância e prosperidade. Em *Ratos*, os roedores não podem ser associados a algo próspero, abundante, já que estes seres parecem tão esfomeados quanto os habitantes da casa. Na verdade os ratos parecem ser o totem desta família, pois eles convivem com os humanos sem serem mortos, e num totem “Membros do clã acham-se na obrigação, sagrada [...]de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne ou dele usufruir de outro modo” (FREUD, 2013, p.8), ou seja, entre os primitivos, o totem é um ser sagrado e caso algum membro da tribo matasse seu totem seria punido pelos deuses ou pelos seus irmãos de clã. Posteriormente continuaremos a expor outros aspectos que nos permitem relacionar o conceito de totemismo à narrativa investigada, por ora, retornaremos à análise das características dos indivíduos que vivem no barraco de *Ratos*.

Os seres humanos, ao contrário dos roedores e demais animais parecem sem ação, mais passivos. O bebê é descrito como “algo macio e quente que imediatamente se mexe” (RUFFATO, 2010, p.20), como “carne tenra” (*idem*) ou ainda como “O corpinho débil, mumificado em trapos fétidos” (*ibidem*), que arma seu pulmão para um berreiro, mas acaba expelindo um

choramingo, “um balbucio de lábios magoados, um breve espasmo”(RUFFATO, 2010, p.21). Enquanto o rato guincha chamando seus companheiros, o bebê somente choraminga mesmo sob ataque dos ratos.

“A chupeta suja, de bico rasgado, que o bebê mordiscava, escapuliu rolando” (RUFFATO, 2010, p.21). Mordiscar seria definido como o ato de morder de leve repetidas vezes, ato parecido com o roer de um rato. O cobertor com que os irmãos dormem foi doado por “crentes”, já havia sido usado por alguém e descartado, da mesma forma o colchão, ou seja, assim como os animais, recebem restos. As crianças se aninham, o que poderia ser compreendido tanto como acomodar-se no colchão quanto estar num ninho, assim como os animais. No totemismo, “são celebradas festas, em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e características de seu totem” (FREUD, 2013, p.9). Ao contrário dos primitivos, nossos personagens contemporâneos não precisam realizar festas para assemelhar-se aos ratos, eles por si só já são semelhantes, seja nos sentimentos ou naquilo que é reservado a eles.

A personagem Mãe um dia teve um marido, Birôla,

Birôla, homem bom, ele. Uma vez levou a meninada ao circo, palhaços, cachorro ensinado roupinha-de-balé [...] Aí começou a abusar da mais velha, agora de-maior, mas na época treze anos. Enfezada, despejou álcool nas partes, riscou cabeça de fósforo, o fogo ardeu a vizinhança, salvou os filhos, mas o tal, em sonhos de crack torrou, carvão indigente. (RUFFATO, 2010, p.21).

mesmo tratando-se dos tempos modernos, Birôla ao abusar da enteada parece ter infringido uma espécie de regra, semelhante à *exogamia* dos povos primitivos. A exogamia seria uma “lei de que *membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar*” (FREUD, 2013, p.10), considerada uma das “mais antigas e importantes proibições do tabu” (FREUD, 2013, p.27).

O homem ao relacionar-se com Mãe teria se tornado parte da família, e mesmo não sendo pertencente ao mesmo clã ou totem, ao manter relação(ões) sexual(is) com sua enteada, infringe um tabu, comete uma espécie incesto moral (não consanguíneo) e acaba sendo punido com a morte. Na maioria das vezes, entre os povos antigos esperava-se que a punição fosse automática, ou “viesse do poder divino.[...] Em outros casos [...] a própria sociedade assumiu

a punição dos infratores” (FREUD, 2013, p.14), confirmando que a punição sofrida por Birôla é uma repetição no mundo moderno do que acontecia no passado.

O filho de Birôla de oito anos é definido como “seu escarro, hominho”, comparação meio grosseira tratando-se de uma criança. Essa comparação remete à expressão portuguesa “cuspidido e escarrado”, uma corruptela de “esculpido em Carrara”, famoso mármore italiano; todas as expressões enfatizam a semelhança. Escarro também pode ser entendido como a secreção eliminada pela boca, oriunda do pulmão, geralmente em caso de doenças respiratórias, uma espécie de sujeira. A personagem Mãe não é descrita como ser divino, um anjo e bela, mas retratada de maneira impensável: “Pensam, é fácil, mas forças não tem mais, embora seus trinta e cinco anos, boca desbanguelada, os ossos estufados os olhos, pele ruça, arquipélago de pequenas úlceras, a cabeça zoeirenta.”(RUFFATO, 2010, p.22)

A mulher está no auge da vida, porém já não tem mais dentes, é muito magra, sua pele com várias feridas, a cabeça meio tonta, não se sabe se por fome ou talvez pelo uso de alguma substância. Os filhos também estão mal cuidados, pois seus cabelos estão cheios de nós e com lêndeadas.

O diferencial em toda essa miséria é a filha de onze anos definida como “ajuizada, cria os menorzinhos [...] toma conta direitinho, a danisca.” Uma menina que embora a pouca idade utiliza suas histórias como paliativo para todo sofrimento e pobreza vivido pela família, percebido em:

E faz eles dormirem, contando invencionices, coisas havidas e acontecidas, situações entrefaladas no aqui e ali. Faz gosto: no breu, avozinha dela, encarrapichada no ursinho-de-pelúcia que naufragava na enxurrada, encaverna-se sonâmbula ouvidos adentro, inoculando sonhos até mesmo na mãe (RUFFATO, 2010, p.22).

Sua atitude faz parte, de maneira inconsciente, de um dos três recursos contra o desprazer, sugeridos por Freud (2011, p.18 e 19): as gratificações substitutivas. A literatura na narrativa está presente através da contação de histórias, que tem como “objetivo” diminuir as tristezas da vida das crianças e de sua mãe “que geme baixinho num canto, o branco-dos-olhos arreganhado sob o vaivém de um corpo magro e tatuado, mais um nunca antes visto”.

Pela descrição do barraco, da sujeira e dos humanos que lá vivem, parece ser muito difícil nomeá-los como sendo civilizados, pois segundo Freud (2013, p.37 e 38),

Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que ela surja na natureza, e que a produza em objetos [...] Requeremos ainda ver sinais de limpeza e ordem [...] A sujeira de qualquer tipo nos parece inconciliável com a civilização; estendemos para o corpo humano a exigência de limpeza.

Sendo assim, o lar não aparenta ter sinais de ordem ou limpeza, nem o corpo da mãe e das crianças tem sinais de higiene. Há também uma desconstrução do que imaginamos como casa (lar) e mãe, pois geralmente a casa é vista como um abrigo, extensão do útero materno e a mãe como um anjo, bela e divina, descrições diferentes àquelas vistas na narrativa. Detalhes como os citados recentemente fazem com que, ao denominarmos os habitantes do barraco como não civilizados, acabemos aproximando-os de seres desumanizados.

Voltando à investigação do mal na narrativa, de acordo com a teoria de Freud (2011) podemos afirmar que a filha de onze anos pode ser considerada má, pois trata seus irmãos com muito zelo, parecendo ser reflexo de seu instinto maternal, aflorado precocemente.

Os ratos, por sua vez, embora possuam características humanas e serem quase protagonistas da narrativa, são extremamente instintuais em sua busca por comida, mas não podemos defini-los como maus, segundo Freud (2011), uma vez que o instinto é algo esperado dos animais.

A personagem Mãe é um pouco mais complexa, pois desempenha uma dupla função, a de mãe e de pai. Analisando mais profundamente, nota-se que a personagem não apresenta no momento atual um instinto maternal e se esse existiu, foi demonstrado no assassinato de Birôla. Contudo, por exercer também a função paterna, a mulher se sujeita a vender o seu corpo para sustentar sua família, e quando sua filha é abusada, reage agressivamente. Vendo Mãe como “metade” homem, pela função de pai, confirma-se nela o mal freudiano, expresso pelo instinto primitivo de agressão, que paga uma agressão (o abuso sofrido pela filha) com outra agressão, o assassinato. Não há o instinto sexual, pois a necessidade de sustento vem antes do desejo; não

há também a utilização do corpo do outro como uma continuação do seu próprio corpo, o mal de Sade, já que o sexo não envolve unicamente o ato, mas também dinheiro.

A catástrofe, a ruína sofrida pelos personagens de Ratos, é resultado do progresso da sociedade e ao regresso que Mãe proporcionou a seus filhos. O mal freudiano estava presente no passado da família, pois a personagem Mãe teve sete filhos, colocando em prática seu instinto de procriação. Embora a personagem atualmente não apresente tais instintos, estes foram responsáveis pela configuração atual dos moradores do barraco. Como apresentado durante nossa investigação, os moradores não possuem características de civilizados, não possuem higiene, assim como o ambiente em que vivem, alia-se a isso a recente demonstração de agressividade de Mãe através do assassinato de Birôla e pode-se concluir então que a ruína é causada como consequência da vivência dos instintos.

3.2 CHACINA Nº41

A busca de um cachorro por seu dono é o tema principal de nossa próxima investigação. O viralata, cão sem raça e sem nome, percorre becos e ruelas procurando por seu dono, sofre maus-tratos e se depara com vítimas de uma chacina. O cachorro busca em sua memória os motivos da agressão que sofreu, observa com cautela três homens deitados numa via pública, percebe que não estão bêbados, vê as marcas de tiro, sente uma “pontada na altura do pulmão” quando olha para um desses homens e foge amedrontado.

O narrador inicia descrevendo uma agressão sofrida pelo cão, um “chute que atingiu as costelas à mostra do vira-lata catapultou-o para o meio da rua, onde aterrizando meio de banda, escapuliu ganindo, sem atentar tamanha crueldade” (RUFFATO, 2010, p.27), aquele que narra também conhece as ações e sentimentos dos personagens. O mal apresentado pelo narrador e sofrido pelo cão simplesmente existe, não há causas, nem motivações, assim como encontrado em Baudelaire. Da mesma forma que existem pessoas que gostam e cuidam dos animais, há pessoas que os odeiam e os agridem.

Chacina nº41 tem três personagens principais: o Viralata, seu dono e “os agressores”. Sabemos unicamente que o dono do vira-lata passava por

uma via sacra, “engastalhando-se nos botequins, enroscando-se em árvores, a coluna curvada sob o saco-de-estopa abarrotado de latas-de-alumínio macetadas.”(RUFFATO, 2010, p.28), o que subentende-se como sendo os sacrifícios de um reciclador viciado em bebidas.

Não sabemos muito sobre os agressores, temos conhecimento de que residiam em Vila Clara e que suas agressões ao Viralata eram em sua maioria “pontapés, baldes de água quente, pedras, bombinhas, foguetes, porretes, até tiros, sim senhor, até tiros!” (RUFFATO, 2010, p.28). À primeira vista, assim como em *Ratos*, os humanos também parecem instintivos, mas desta vez demonstrado especificamente na rápida reação quando seu “território” estava sendo invadido pelo cão, na agressão a um ser indefeso e irracional.

De irracional, contudo, o animal do conto nada tem. Por vezes parece raciocinar, refletir, demonstrar sentimentos. Vamos para algumas destas passagens:

Bem dado, de baixo para cima, o chute que atingiu as costelas à mostra do vira-lata catapultou-o para o meio da rua, onde aterrizando meio de banda, escapuliu ganindo, sem atentar tamanha crueldade. Só após escapar ligeiro por entre valas fétidas e becos sonolentos, escuridões e clareiras, é que, encorajando-se, tornou ao revés. Já ninguém não havia extorquindo a manhã nascitura (RUFFATO, 2010, p.27; grifo nosso).

Já de início verifica-se que o cachorro da narrativa é diferente dos demais, pois após ser agredido, enquanto foge parece buscar em si as causas da agressão, “sem atentar tamanha crueldade”. Posteriormente ele usa de coragem para retornar ao local onde fora agredido, mas um ser irracional como um animal não é movido pelo instinto, por que então precisaria de coragem?

Como um animal poderia agir ao ser agredido? Talvez ele fugisse ou então sua reação fosse através de uma mordida. E as sensações que estariam envolvidas nessa ocorrência? Dor, falta de fôlego e sede pela fuga, fome depois de tamanho gasto de energia(pois o cão estava “com as costelas à mostra”, deveria estar mal alimentado). Mas o que dizer quando o narrador apresenta que Viralata está com o “coraçõzinho às corcovas”, o “corpo trêmulo”, lembranças confusas? Seriam estas características de um animal? Provavelmente não. Ao utilizar coração no diminutivo, o narrador aparenta estar se referindo a um ser indefeso, similar a uma criança, traz também um

sentimentalismo, uma sensação de fragilidade, de estar perdido, parecida com aquela sentida por crianças pequenas longe de seus pais.

Além dessas sensações e sentimentos, Viralata está cansado e suspira. Cachorro expira, mas será que suspira? Eis que “Aos poucos, os caquinhos coloridos assentam no fundo do caleidoscópio”(RUFFATO, 2010, p.27), metáfora muito bonita para se dizer que tudo começa a fazer sentido para o cão, que ele praticamente está conseguindo desvendar um quebra cabeça, ao lembrar a razão de estar naquele local. Depois disso, Viralata ainda caminha atento porque sabe que em Vila Clara ele costuma ser agredido.

Na vila dos agressores, a agressão não tem como vítimas somente animais. Viralata vê pessoas amontoadas e verifica o ocorrido, com cautela. Percebe que não estavam bêbados, pois sabia quando um homem estava bêbado, veja o trecho que descreve o acontecido:

avistou a cena intrigante: debaixo do poste, como que dormissem, três pessoas deitadas, quase amontoadas umas junto às outras. Cauteloso, chegou mais perto, avaliou. Bêbados não se encontravam, disso entendia, e muito. Paciente, acompanhava Madaleno a via-sacra do seu dono, engastalhando-se em botequins, enroscando-se em árvores, a coluna curvada sob o saco-de-estopa abarrotado de latas-de-alumínio macetadas.(RUFFATO, 2010, p.28)

Viralata pensava, tinha coragem, um “coraçõzinho às corcovas” e era cauteloso e paciente. Ocultando o nome do personagem e suas características físicas (“pêlo duro, amarelo-sujo”) poderíamos considerar que esses eram aspectos possíveis de serem encontrados em qualquer pessoa. Alia-se ainda a concentração e a tentativa de reconhecer os rostos das vítimas de uma chacina, este último comum às pessoas curiosas. O mais incomum de tudo é a reação do animal ao olhar para um dos assassinados:

dois dos três eram garotos ainda, quando sentiu a pontada na altura do pulmão, quase pôs o pouco que havia comido para fora, recolheu o rabo, baixou as orelhas, disparou, suspendendo-se no breu. Assustado, arregalou os olhos.(RUFFATO, 2010, p.28; grifo nosso).

a cena de tão chocante, causa “uma pontada na altura do pulmão”, entenda-se uma ânsia, um medo, que faz com que o bicho recolha o rabo e baixe as orelhas, se assuste e rememore os últimos momentos com seu dono. Nem quando foi agredido sentiu tamanho medo e fugiu com o rabo entre as pernas e

a orelha abaixada, o que será que viu para sentir tão grande horror? O que, além de uma má alimentação poderia causar ânsias num cachorro?

Da mesma forma que *Viralata*, temos muitos questionamentos, o principal deles ocorre na comparação entre as atitudes e sentimentos humanos com as do animal. Parece haver uma inversão de características, pois o animal, ser irracional parece ter mais humanidade que o homem, ser pensante.

Passando para a análise dos personagens, nessa narrativa, devido a poucas informações, não podemos determinar se o Dono do *Viralata* é mau, o que se pode afirmar é que o vício em bebida do homem casa com uma medida paliativa do desprazer: o uso de substâncias inebriantes, que tem como função tornar-nos insensíveis aos sofrimentos da vida.

Conforme apresentado anteriormente, os agressores parecem com animais, o que nos leva a considerá-los como sendo maus, segundo Freud, pois usavam de agressividade contra *Viralata* através de “pontapés, baldes de água quente, pedras, bombinhas, foguetes, porretes, até tiros”(RUFFATO, 2010, p.28). Já *Viralata* não pode ser considerado mau, segundo Freud porque não possui instintos, é retratado como um ser racional.

Devido às inúmeras referências a atitudes e aos sentimentos humanos, consideramos o narrador como mal, segundo Kafka (*apud* Bataille, 1989). Por meio de suas palavras e metáforas, o narrador nos confunde, fazendo-nos por vezes ter certeza de que *Viralata* realmente é um animal e, por outras, fazendo-nos desconfiar de que ele é um homem que se sente menosprezado.

A ausência de pulgas em um cão de rua, a procura por pseudono sem farejar e a não demarcação de território nos causa dúvida, alia-se ainda a “cabeça pende sobre as patas esticadas” (que assemelha-se quando debruçamo-nos sobre os braços, em momento de cansaço ou desespero), a coragem, os questionamentos, a cautela, a concentração, o mal-estar em ver vítimas de uma chacina, nos enganam. Não fosse o pêlo duro, amarelo-sujo e as agressões sofridas, poderíamos definir o personagem como sendo um ser humano.

Essa é a “armadilha” realizada pelo narrador, apresentar características incomuns a um animal e nos causar confusão. Do jogo de palavras pode-se chegar a duas análises, também baseados no mal de Kafka (*apud* Bataille,

1989). Na primeira análise, considera-se o cão, como sendo mais por negar-se como sendo um animal, por isso há uma exaltação das características humanas encontradas no cão em detrimento das características caninas. Bataille (1989, p.139), define os sentimentos contraditórios de Kafka desta forma: “Quando ainda estava satisfeito, queria estar insatisfeito e por todos os meios da época e da tradição que me eram acessíveis, eu me impelia para a insatisfação”. Esta definição abarca a presença do mal nos personagens Viralata e Dono do Viralata. O animal sentindo-se insatisfeito pela sua condição canina alcançava a satisfação ao ser um cão humanizado.

A passagem anterior também pode ser utilizada para confirmar a segunda análise: o cão não existiria, seria o próprio reciclador. Nesta análise, o cão na verdade é o Dono do Viralata, que não se considera como sendo um ser humano, mas um animal. É agredido, lambe o local da agressão, vai até a vila das agressões, continua a busca por seu dono, a busca por si mesmo. Ao ver homens amontoados, sabia que não estavam bêbados porque ele próprio sabia as consequências da bebida. Chega mais perto e olha atentamente. Na forma de um cachorro encontra-se com ele mesmo na forma de homem. Ao olhar para uma das vítimas da chacina, parece olhar para um espelho e enxerga aquilo que não queria aceitar, vê a si mesmo, agora morto. No instante da morte, o reciclador recusa-se enquanto homem, e percorre seus últimos instantes de vida na pele de um cão. No momento de maior sofrimento ele usa da fantasia do impossível (tornar-se outro) como forma de diminuir sua dor; ficcionaliza sua vida, a torna arte buscando esquecer-se de si mesmo. O chute nas costelas, os “pontapés, baldes de água quente, pedras, bombinhas, foguetes, porretes, até tiros” (RUFFATO, 2010, p.28), sofrido pelo cão foram as agressões sofridas pelo homem, que acaba por resultar em sua morte.

A negação do que se é, a negação de uma vida de insatisfações e vias-sacras, e a satisfação em tornar-se um cão, esse é o mal de Kafka. Contudo, mesmo no percurso animal, o “carrinheiro” não consegue apagar suas características humanas. A narrativa é finalizada com o cão lembrando o último momento com seu dono: “Dia desses, refestelou-se na grama do canteiro central de uma avenida, à tarde, nunca mais o viu. Lá ficou apenas o saco-de-estopa abarrotado de latas-de-alumínio macetadas”. (RUFFATO,

2010, p.28), que se relaciona à última lembrança do reciclador, antes da agressão e assassinato.

A catástrofe sofrida pelo Dono do Viralata é resultado do progresso da civilização que atropela as pessoas com suas regras, deixando aqueles que não se adaptam ao mundo moderno à margem da sociedade. Insatisfeito, longe da tão sonhada felicidade, ele faz uso dos *recursos paliativos* de Freud (2011), para diminuir e/ou tornar-se insensível a realidade esmagadora.

3.3 DE BRANCO

Doutor Fernando está em mais um plantão no hospital em que trabalha. Parece ser uma noite comum, até que o médico é chamado para atender uma pessoa que foi baleada, não se sabe se era a vítima ou o bandido. Na mesa de cirurgia, Fernando reconhece o homem como sendo um dos assaltantes que adentrou sua casa, rememora o acontecido, se recusa a salvar alguém que apontou a arma para cabeça de sua filha e deixa a sala de cirurgia.

O narrador conhece até mesmo as memórias do personagem Fernando. Investigando o mal na narrativa, baseados em Baudelaire (*apud* Bataille, 1989) pode-se afirmar que o narrador é mau, evidenciado pela quebra do estereótipo de médico. Ao expor um profissional de medicina insensível, desumanizado, que se nega a salvar uma pessoa, motivado por questões pessoais, o narrador faz com que tenhamos a imparcialidade que gostaríamos de ver no médico e provoca-nos a reflexão sobre as dificuldades enfrentadas por estes profissionais, que precisam deixar a profissão acima de tudo.

A concepção de mal defendida por Baudrillard (1991) pode ser encontrado no médico, que parece julgar e condenar o “bandido” e em momento algum coloca-se no lugar de seu paciente, nem chega a refletir sobre o que pode ter levado o mesmo a cometer tal delito. Para Fernando, seguindo sua ótica, aquele que é bom merece ser salvo, o que é mau, merece perecer, constatação bem maniqueísta que aparenta não considerar meios termos. Conforme afirma Baudrillard (1991, p.115-116),

A energia da parte maldita, a violência da parte maldito, é o princípio do Mal [...]O princípio do mal não é moral; é um princípio de desequilíbrio e tontura, um princípio de complexidade e estranheza,

um princípio de sedução, um princípio de incompatibilidade, de antagonismo e irreducibilidade. Não é um princípio de morte, mas pelo contrário, um princípio fundamental de desunião (BAUDRILLARD, p.115 e 116; grifo nosso).

O princípio do mal é um princípio de desunião, da parcialidade pelo todo, de contraposições, da inflexibilidade. O desequilíbrio e a parcialidade são encontrados principalmente em dois trechos que descrevem o médico, nos quais encontramos a metonímia e a metáfora. Na primeira passagem, o médico está descansando durante seu plantão, “zapeou até sintonizar o Jornal Nacional, e então espalhou-se músculos e ossos por sobre a fina lâmina de espuma que fazia as vezes de colchão”, neste trecho nota-se que em vez de utilizar algo como espalhou seu corpo por sobre a fina lâmina, o narrador prefere utilizar músculos e ossos, tomando a parte pelo todo. Outra passagem relata o momento em que doutor é acordado: “a estridente campainha, ‘Doutor Fernando! Doutor Fernando! Emergência! Emergência!’ As meias finas brancas buscavam os sapatos brancos”, são meias, em vez dos pés, que buscavam os sapatos, como se Fernando nada fosse, só vestimenta.

Doutor Fernando parece indiferente ao que acontece ao seu redor, o espalhar músculos e ossos, as pálpebras de chumbo que lacram os olhos, as meias brancas que buscam os sapatos, descrições como estas aparentam referir-se a um corpo, algo biológico mas sem alma, talvez quase uma máquina, ou um nada. Assemelha-se com o homem como engrenagem do sistema, denunciado por Arendt (2013), como responsável por colocar o “aparelho da saúde” em funcionamento, dia após dia, se tornando assim um profissional autômato, que atende paciente após paciente e passa a considerar suturas “despormenorizadas”, “tanques assassinos”, (procedimento de maior gravidade), sem atentar-se para a responsabilidade que tem em mãos e para o mundo que está em seu entorno. Durante seu cochilo, o médico relembra de telefonemas recebidos no dia, nota-se que mesmo casado e pai, não tem tempo para sua família e ainda por cima trai a esposa. Ao ser chamado para atender uma emergência “labirintou-se por entre pacientes e acompanhantes que congestionavam os corredores”. O labirintar-se poderia ser tanto o desviar das pessoas, como uma possível referência ao labirinto de Creta ou labirinto do Minotauro, figura da mitologia grega.

Fruto de um castigo dos deuses ao rei de Creta, um monstro com corpo de homem e cabeça de touro que vivia num labirinto e que devorava homens, essa é a definição de Minotauro. A cada certo período, jovens eram oferecidos ao monstro como forma de acalmar os deuses, sabendo disso Teseu se voluntaria a ir para o labirinto enfrentar e matar Minotauro ou morrer tentando, recebe um novelo (para impedir que ele se perca) e uma espada de Ariadne e mata o monstro. Fernando, ao contrário de Teseu, não mata um monstro, como também não o salva. Munido de luvas cirúrgicas e movido pela lembrança do sofrimento de sua esposa e filha, arranca a máscara e sai da sala de cirurgia. Toda a agressividade possível a um homem se reflete no arrancar a máscara e afastar-se aos berros. Num hospital, local onde se salvam vidas, onde prevalece o silêncio, a agressividade sofrida é vingada nos berros e na agressividade da não-ação.

O branco que geralmente significa paz e bem, na narrativa é maculado pela negativa em praticar o bem. Doutor Fernando, um profissional da medicina, aquele que pode tirar a vida das mãos da morte, também pode entregá-la. Com base em Baudrillard (1991), podemos afirmar que o médico é mau, pois nega o consenso e usa de seus conhecimentos médicos como arma; o juramento de sua profissão em salvar vidas não é colocado em prática, e ao realizar sua escolha tendenciosa, baseado somente no seu ponto de vista, o médico ignora o direito à vida do assaltante.

Quando o criminoso adentra o hospital, já não importam seus crimes, ele torna-se um paciente como qualquer outro. Ao recusar atender o paciente, Doutor Fernando torna-se um criminoso, havendo assim uma inversão de papéis. Há poucas informações, mas não podemos afirmar que o assaltante é mau, segundo Freud, mesmo tendo usado de agressão durante o assalto, uma vez que sua agressividade é movida pela busca de dinheiro fácil.

Portanto, a parcialidade, o desequilíbrio, a negação do bem, a agressividade pela não-ação são algumas características do mal encontrado em *De branco*, expressos também na desconstrução do profissional de medicina.

A possível morte (somente há indícios de que o assaltante estava morrendo, não se sabe se ele foi salvo por outro profissional) do assaltante que

se tornou paciente é resultado não do progresso, mas do mal. A falta de atitude, a recusa do médico em operar o paciente resulta na ruína deste último. Certa é a ruína do assaltante, que já caminha em direção a morte; a ruína do médico, sua catástrofe, é mais improvável, já que talvez seu descaso não chegue a público, restando prestar contas apenas para sua consciência.

3.4 {- MULHER... Ô MULHER...

O diálogo entre marido e mulher é retratado no último texto a ser analisado. Tudo se inicia com a mulher sendo interpelada pelo marido sobre um barulho ouvido por ele. O diálogo possui quatro pausas. Após a primeira delas, a mulher é informada pelo marido de que alguém estaria gemendo em frente à porta da casa deles. Depois da segunda pausa, o homem aponta que a pessoa teria sido vítima de uma facada, passada a terceira pausa o marido afirma que a “gemeção” teria acabado e na última parte do diálogo é a mulher que pergunta ao marido se poderiam ir ver o que teria acontecido. Nos cinco pequenos diálogos que compõem o trecho a ser analisado, o homem conta à mulher suas impressões sobre aquilo que ouviu e a mulher sugere que eles socorram a pessoa. Em momento algum o marido concorda com a esposa e finaliza dizendo que a esposa deve dormir e que “amanhã a gente vê”.

Nota-se que, de um modo geral, há uma tênue diferença das narrativas já vistas e do diálogo a ser investigado. Vejamos através dos trechos iniciais de cada um dos textos:

- Primeira narrativa - Ratos:

9. Ratos

Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha uma casquinha de pão, observando os companheiros que se espalham nervosos por sobre a imundície, como personagens de um videogame. Outro, mais ousado, experimenta mastigar um pedaço de pano[...] (RUFFATO, 2010, p.20).

- Segunda narrativa – Chacina nº41

11. Chacina nº41

Bem dado, de baixo para cima, o chute que atingiu as costelas à mostra do vira-lata catapultou-o para o meio da rua, onde aterrizando meio de banda, escapuliu ganindo, sem atentar tamanha crueldade. Só após escapar ligeiro por entre valas fétidas e becos sonolentos, escuridões e clareiras[...] (RUFFATO, 2010, p.27).

- Terceira narrativa – De branco

52. De branco

Encurvado, doutor Fernando sentou-se na beira da cama inferior do beliche, descalçou os sapatos brancos, empurrou-os para debaixo do estrado, esticou, prazeroso, um a um os dedos dos pés vestidos de finas meias brancas, esticou a mão, alcançou o controle-remoto abandonado numa cadeira [...] (RUFFATO, 2010, p.107)

- Diálogo { - Mulher... ô mulher...

{ - Mulher... ô mulher...
 - Ahn?
 - Você ouviu?
 - Ahn?
 - Ouviu? [...] (RUFFATO, 2010, p.147)

Contraopondo os quatro textos, notamos que as narrativas possuem um título e uma numeração, já o diálogo se inicia imediatamente, sem título mas com o símbolo “{”, esta seria a primeira diferença gritante e que no decorrer da investigação se tornará bastante contraditória. Percebe-se também que o narrador desta vez não está em terceira pessoa, tratando-se pois de uma narrativa dramática.

O diálogo tem cinco partes, divididos por pausas, começa com o símbolo da chave ({} e a fala do marido, e termina da mesma forma, com a fala do marido seguida da chave de fechamento (}). A utilização do símbolo chave por si só já separa o texto dos demais, já que o uso da chave restringe o que está dentro dela de todo o restante; também exprime a ideia de reduzir o texto a uma fórmula matemática além disso, possui caráter matemático.

A esposa parece estar adormecida é e despertada pelo questionamento do esposo, “Você ouviu? [...] Ouviu?”, e depois silenciada por ele através de um “Shshshiuuu”. Durante todo o diálogo a mulher é silenciada pelo marido da mesma forma por duas vezes, e imperativamente tratada de maneira autoritária, confirmado em:

[...]
 - Parece... parece que tem alguém gemendo...
 - É...
 - Santo deus!
 - Shshshiuuu... Fala baixo!
 - Não vamos ajudar?
 - Ficou doida?
 - Mas... tá aqui...bem na porta...
 - Fica quieta!

- Ai, meu Deus!
 - [...]
 - E a gente não vai fazer nada?
 - Fazer? Fazer o quê, mulher? Fica quieta... E se tem alguém lá fora?, de tocaia?
 - [...]
 - É... parou mesmo... Vamos lá agora?
 - Não?
 - Por quê?
 - Porque... porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir... Vai... vira pro canto... vira pro canto e dorme... Amanhã... amanhã a gente vê... Amanhã a gente fica sabendo... Dorme... vai...}
- (RUFFATO, 2010, 147-148; grifo nosso)

A opinião e os questionamentos da esposa parecem ser menosprezados, ignorados pelo esposo, que faz com que a última palavra seja a dele. Nada se sabe sobre quem estaria gemendo e se realmente foi vítima de uma agressão física, o que predomina são as impressões do casal sobre o som e sua possível causa, uma facada.

Não há nenhuma descrição da casa, do casal, do possível esfaqueado, o diálogo é bastante objetivo e pontual, retratando o momento em que teria ocorrido, o início e o fim de um suplício. O que sobressai é a omissão do casal durante todo o diálogo, que preferem ficar ouvindo a agirem, chamando a polícia, prestando socorro, ou simplesmente vendo se algo realmente aconteceu. A breve falação entre o casal ultrapassa discutir a relação e vai para discutir um crime.

Analisando segundo a perspectiva do mal, podemos definir que o diálogo retrata um paradoxo freudiano, pois o mal de Freud não poderia estar presente, já que a racionalidade esteve presente o tempo todo, não deixando nem um possível instinto semelhante ao maternal comover a mulher a socorrer o desconhecido. Contudo o personagem Marido, assim como Doutor Fernando da narrativa *De branco*, parece demonstrar sua agressividade ao não agir, sendo sua falta de ação uma agressão.

Prosseguindo com nossas impressões, podemos afirmar que o mal de Baudelaire também está presente na discussão de casal, pois, se o mal existe, assim como o bem, e seria a negação desse último, em hipótese nenhuma poderíamos considerar como praticantes do bem pessoas que se omitem a socorrer um desvalido, preferindo deixá-lo a sua própria sorte à arriscar sair de sua situação cômoda.

O mal como banal é o mais gritante e profundo presente no texto sem título. Arendt afirma que o mal em Eichmann, um dos carrascos do Holocausto, era a falta de reflexão, pois o nazista “*simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo. [...] Ele não era burro*”(ARENDT, 2013, p. 311). A autora apontava também que ele cometia “seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado.” (ARENDT, 2013, p. 299) e outro importante aspecto, “Sua culpa provinha de sua obediência”(ARENDT, 2013, p.269).

A autoridade do marido é respondida pela obediência da esposa. Essa “virtude” fez com que a mulher não refletisse sobre o que estaria acontecendo, e sem perceber, ao omitir socorro torna-se colaboradora de um possível crime. Assim como no caso Eichmann, a esposa é manipulada pelo marido a ser cúmplice na omissão de socorro, em compartilhar o medo e a indiferença e esperar o dia seguinte para salvar uma vida. Mesmo que movida por respeito à autoridade do marido, ou manipulada por ele, também tem sua parte de culpa. Considerando o mal banal, afirmamos que tanto marido quanto esposa são responsáveis pelo fim da “gemeção” e seus desdobramentos. Se a situação era real ou uma emboscada de qualquer maneira eles estavam sendo cúmplices de um ato.

O questionamento que fica é que, tratando o diálogo como movido pela racionalidade, expresso não só pelas falas e não atitudes, como pelo símbolo da chave, será possível realmente afirmar que a esposa estava se deixando manipular? A omissão de socorro foi realmente fruto de uma manipulação e falta de reflexão, ou foi resultado da mais profunda consciência?

Caso tomássemos como base o argumento da racionalidade, que ambos seriam seres pensantes, o mal poderia ter outro desdobramento: o mal dissimulado de Kafka. A esposa estaria dissimulando não saber o que estaria acontecendo e ao falar seus “O quê?” e “Ahn?”, já ouviu o chamado do marido e suas constatações e se faz de desentendida. Na verdade, não quer deixar sua vidinha cômoda para socorrer um desconhecido, mas não pode demonstrar que pouco se importa, por isso, algumas vezes se vê obrigada a realizar um “falso questionamento”, a fazer de conta que se interessa. O resultado de tudo, o conteúdo das chaves, é racional. O mal é consciente e o suposto crime se realiza com a “benção” do casal.

Caso tomássemos o ocorrido como uma violência por arma branca, conforme nos descreve Marido, o (a) esfaqueado(a) é vítima de duas agressões, a primeira pela arma branca, a segunda pela omissão do casal. Sua ruína, sua possível morte é resultado tanto do progresso quanto do mal. A ruína pelo progresso se dá por este estar relacionado a “dominação violenta” por parte do homem, que agride, assalta e até mata os outros homens, em sua maioria devido a busca por dinheiro ou poder. Esses aspectos levam as pessoas a terem medo de serem vítimas da violência, preferindo ficarem reclusas em suas próprias casas, ignorando até pedidos de socorro. A catástrofe pelo mal ocorre na morte de um semelhante pela falta de ação, pela omissão, pelo não pensar ou pelo pensar demais, que de qualquer maneira torna as pessoas responsáveis, seja pelos seus atos, ou por sua falta de atitude.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme postulado desde o início, buscamos nesse estudo investigar em que proporção o mal poderia estar relacionado à catástrofe e ruína dos personagens de quatro narrativas de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Nem sempre a catástrofe dos personagens esteve ligada ao mal presente neles, por vezes a ruína veio como consequência do progresso da civilização.

Em *Ratos* percebe-se que a ruína dos personagens é causada tanto pelo progresso quanto pelo mal freudiano, já que a personagem Mãe vivenciou no passado o instinto de procriação (teve sete filhos) e de agressão (assassinou seu amásio).

Chacina nº41 por sua vez tem como “mal central” aquele defendido por Kafka (*apud* Bataille, 1989), o mal como negação de si mesmo. A catástrofe sofrida pelo Dono do Viralata nada mais é do que resultado do progresso da civilização que contribui para que o indivíduo fique a margem da sociedade, este, com sua condição nega-se enquanto homem.

A ruína e possível morte do assaltante em *De branco* é causada não pelo progresso, mas pelo mal. A não ação de Doutor Fernando durante o atendimento de seu paciente revela o instinto de agressão de Freud (2011) pelo não-agir. O uso de sua força (na narrativa específica, os conhecimentos médicos) como arma (ou no referido caso, o não uso), acaba por colocar uma vida em risco, devido à uma atitude desequilibrada e parcial do médico.

{-Mulher...ô mulher de maneira dramática permite-nos notar que a ruína sofrida pelo personagem esfaqueado como sendo resultante do progresso e do mal. Do progresso devido a insegurança sentida pelas famílias e reforçada pela violência; e do mal, porque o destino do personagem supostamente ferido também é de responsabilidade daqueles que, consciente ou inconscientemente se recusaram em ajudá-lo.

Os conceitos trabalhados são de campos de conhecimento distintos, mas as teorias tem como ponto convergente uma visão sobre o mal presente no homem. Observando os textos selecionados nesta obra e o modo como o mal reverbera na narrativa, no narrador e nos personagens, esperamos ter contribuído para novos olhares sobre a construção do ser.

A obra de Ruffato é muito rica possibilitando semelhante análise em outros textos do mesmo livro, permitindo também relacioná-las com outras obras do mesmo autor. Nosso capítulo teórico vislumbra o mal segundo alguns autores, porém, nada impede que se expandam as teorias, tanto na base filosófica quanto religiosa. Devido a fecundidade da obra, podem ser realizadas pesquisas futuras em que outros textos possam ser trabalhados seja de maneira similar a realizada, seja comparando-os a outras obras.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 104p.

_____. *O que resta de Auschwitz*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. 176p.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/umuarama/arquivos/File/educ_esp/fil_dialetica_esclarec.pdf> Acesso em 05 jan 2014.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalem: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989. 222p.

BAUDRILLARD, Jean. *La transparência del mal: Ensayo sobre los fenómenos extremos*. Tradução de Joaquim Jordá. Barcelona: Anagrama, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 3ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. 770-771p.

EAGLETON, Terry. Cultura e natureza in *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005. 127-158p.

FREUD, Sigmund. *O Mal estar na Civilização*. Tradução de Paulo César de Souza . São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011. 93p.

_____. *Totem e tabu*. Tradução de Paulo César de Souza . São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2013. 169p.

KLEE, Paul. Quadro Angelus Novus.[1920]. Disponível em:
<<http://www.sfu.ca/~andrewf/CONCEPT2.html>> Acesso em 02 fev. 2014.

RODRIGUES, Sérgio. *A verdadeira história de 'cuspidos e escarrados'*. Revista Veja, São Paulo, 11 set. 2013. Disponível em:
<<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/lendo-a-lenda/a-verdadeira-historia-da-expressao-cuspidos-e-escarrados/>> Acesso em 27 ago. 2014.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010. 148p.

ANEXOS

ANEXO A - Ratos

9. Ratos

Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha uma casquinha de pão, observando os companheiros que se espalham nervosos por sobre a imundície, como personagens de um videogame. Outro, mais ousado, experimenta mastigar um pedaço de pano emplastrado de cocô mole, ainda fresco, e, desazado, arranha algo macio e quente, que imediatamente se mexe, assustando-o. No após, refeito, aferra os dentinhos na carne tenra, guincha. Excitado, o bando achega-se, em convulsões.

O corpinho débil, mumificado em trapos fétidos, denuncia o incômodo, o músculo da perna se contrai, o pulmão arma-se para o berreiro, expele um choramingo entretanto, um balbucio de lábios magoados, um breve espasmo. A claridade envergonhada da manhã penetra desajeitada pelo teto de folhas de zinco esburacadas, pelos rombos nas paredes de placas de outdoors. Mas, é noturno ainda o barraco.

A chupeta suja, de bico rasgado, que o bebê mordiscava, escapuliu rolando por sob a irmãzinha de três anos, que, a seu lado, suga o polegar com a insaciedade de quando mamava nos seios da mãe. O peitinho chiou o sono inteiro e ela tossiu e chorou, porque o cobertor fino, muxibento, que ganharam dos crentes, o irmãozinho de seis anos enrolou-se nele.

O colchão-de-mola-de-casal onde se aninham sobreveio numa tarde úmida, manchas escuras desenhando o pano rasgado, locas vomitando pó, aboletado no teto de uma kombi de carreto, vencendo toda a Estrada de Itapecerica, em-desde a Vila Andrade até o Jardim Irene, quando viviam com o Birôla, homem bom, ele. Uma vez levou a meninada ao circo, palhaços, cachorro ensinado roupinha-de-balé, macaco no velocípede, domador chicoteando leão desdentado em-dentro da jaula, cavalos destros, trapezistas, maçã-do-amor, moças de maiô, algodão-doce, serrador de gente, pirulito, sorvete de palito. Aí começou a abusar da mais velha, agora de-maior, mas na época treze anos. Enfezada, despejou álcool nas partes, riscou cabeça de

fósforo, o fogo ardeu a vizinhança, salvou os filhos, mas o tal, em sonhos de crack torrou, carvão indigente.

Dele herdou o menino, oito anos, seu escarro, hominho. Ano passado, ou em-antes, ignora, estourou a coceira, as costas, a barriga, as pernas, uma ferida só, coitado. Internado, as enfermeiras nem um pio ouviram, reclamaçãozinha alguma, uma graça. Levou bronca do doutor, Absurdo, falou, Irresponsável, berrou, disse para a mulher assistente-social acompanhar, Sarna, ela nem as caras deu.

Pensam, é fácil, mas forças não tem mais, embora seus trinta e cinco anos, boca desbanguelada, os ossos estufados os olhos, pele ruça, arquipélago de pequenas úlceras, a cabeça zoeirenta. E lêmdeas explodem nos pixains encipoados das crianças e ratazanas procriam no estômago do barraco e percevejos e pulgas entrelaçam-se aos fiapos dos cobertores e baratas guerreiam nas gretas. Já pediu-implorou para a de treze ajudar, mas rueira, some dias e noites. Viu ela certa vez carro em carro filando trocado num farol da Avenida Francisco Morato. Quando o frio aperta, aparece.

A de onze, ajuizada, cria os menorzinhos: carrega eles para comer na sopa-dos-pobres, leva eles para tomar banho na igreja dos crentes, troca a roupa deles, toma conta direitinho, a danisca. E faz eles dormirem, contando invencionices, coisas havidas e acontecidas, situações entrefaladas no aqui e ali. Faz gosto: no breu, avozinha dela, encarrapichada no ursinho-de-pelúcia que naufragava na enxurrada, encaverna-se sonâmbula ouvidos adentro, inoculando sonhos até mesmo na mãe, que geme baixinho num canto, o branco-dos-olhos arreganhado sob o vaivém de um corpo magro e tatuado, mais um nunca antes visto.

ANEXO B - Chacina nº 41**11. Chacina nº41**

Bem dado, de baixo para cima, o chute que atingiu as costelas à mostra do vira-lata catapultou-o para o meio da rua, onde aterrizando meio de banda, escapuliu ganindo, sem atentar tamanha crueldade. Só empós escapar ligeiro por entre valas fétidas e becos sonolentos, escuridões e clareiras, é que, encorajando-se, tornou ao revés. Já ninguém não havia extorquindo a manhã nascitura. Parou, resfolegante, o coraçãozinho às corcovas, estendeu-se sobre o corpo trêmulo, a confusa recém-lembrança. Por que fora agredido? Arfando, a língua lambe o pelo duro, amarelo-sujo, tenta escoimar os doloridos. Por quem fora agredido? Os dentes agudos mordiscam ao léu, à cata de invisíveis pulgas. Exausto, a cabeça pende sobre as patas esticadas, cerra os olhos, o rabo sossega, suspira. Aos poucos, os caquinhos coloridos assentam no fundo do caleidoscópio. Caminhava, entreabrindo cortinas da noite à procura de seu dono, orelhas afiladas, todo prontidão, porque sabia da Vila Clara, várias vezes enxotado, pontapés, baldes de água quente, pedras, bombinhas, foguetes, porretes, até tiros, sim senhor, até tiros!, quando, próximo ao salão onde os pés do povo forrozeiro levantam finas nuvens de cimento, avistou a cena intrigante: debaixo do poste, como que dormissem, três pessoas deitadas, quase amontoadas umas junto às outras. Cauteloso, chegou mais perto, avaliou. Bêbados não se encontravam, disso entendia, e muito. Paciente, acompanhava madaleno a via-sacra do seu dono, engastalhando-se em botequins, enroscando-se em árvores, a coluna curvada sob o saco-de-estopa abarrotado de latas-de-alumínio macetadas. O que exalava dos corpos era um azedume de suor embaralhado ao doceamargo do medo. Pedacos de chumbo ricochetearam na parede da oficina-mecânica arrancando lascas do enorme Aírton Senna gravitado- mais tarde, a polícia técnica colheria vinte e três cápsulas calibre 38.

O sangue borbotava das várias perfurações na pele formando no chão uma mancha vermelho-escura que, espraiando-se pela calçada, descaía na direção da guia, quando reduzia-se a dois débeis fiozinhos que, mal alcançavam a rua descalça, morriam absorvidos pela terra. Concentrado, buscava reconhecer os

rostos, dois dos três eram garotos ainda, quando sentiu a pontada na altura do pulmão, quase pôs o pouco que havia comido para fora, recolheu o rabo, baixou as orelhas, disparou, suspendendo-se no breu. Assustado, arregalou os olhos, já se ouviam os barulhos que acompanham o sol, pôs-se de pé, a pata direita traseira coçou a orelha carcinômica, tinha que achar seu dono, que gostava de conversar com ele, acariciar seu corpo despelado, beijar seu focinho, brincar de cócegas, fazê-lo de travesseiro, que dividia os restos de comida com ele. Dia desses, refestelou-se na grama do canteiro central de uma avenida, à tarde, nunca mais o viu. Lá ficou apenas o saco-de-estopa abarrotado de latas-de-alumínio macetadas.

ANEXO C - De branco

52. De branco

Encurvado, doutor Fernando sentou-se na beira da cama inferior do beliche, descalçou os sapatos brancos, empurrou-os para debaixo do estrado, esticou, prazeroso, um a um os dedos dos pés vestidos de finas meias brancas, esticou a mão, alcançou o controle-remoto abandonado numa cadeira, ligou a televisão, sem som, zapeou até sintonizar o Jornal Nacional, e então espalhou-se músculos e ossos por sobre a fina lâmina de espuma que fazia as vezes de colchão. Gostava de assim permanecer, olhos semicerrados adivinhando o bombardeio das cores, o dia passado a limpo na parede amarelada do cubículo. Do consultório ao hospital, vinte quilômetros de asfaltos embexigados, de fumos de motores pânicos, de estereotipados motoristas. Três vezes o celular brotara. A primeira, Cláudia, Você lembra onde colocou o recibo do pagamento do balé da Ju? Estou superatrasada, você lembra onde colocou? Como não? Eu dei pra você pagar! Ah, deixa pra lá! É sempre assim! Você nunca sabe de nada! A segunda, Lígia, Oi... Onde você está agora? Nossa (inaudível)...plantão? Puxa vida! Olha, qualquer dia desses bem que a gente (inaudível) ... Tem um barzinho ali no (inaudível)... O quê que você acha? Me liga então pra (inaudível)... Um beijo... Tchou... A terceira, Cláudia, Aconteceu (inaudível) ... com você? Não? Está me ouvindo? Achei (inaudível) esquisito... Tem certeza? (inaudível)... coisa. Está me ouvindo? Amanhã (inaudível) pra compra (inaudível) das mães. Alô? A-lô? É calmo o nascimento da noite: duas suturas despormenorizadas, um coma alcoólico, uma crise alérgica; nada de “ tanques assassinos”, bêbados esfaqueados, atropelamentos, escoriações por brigas ou batidas de carro. Pálpebras de chumbo lacram seus olhos, sempre maldormidos, estresse, do plantão para o consultório para o plantão, “deves” contabilizados, férias? quanto tempo!, a derradeira, uma casinha emprestada na Barra do Sahy, as solas dos pés passeando o entardecer das escuras areias socadas da Praia da Baleia, a Ju perninhas inseguras ciscando à frente despertou assustado, a estridente campainha, “Doutor Fernando! Doutor

Fernando! Emergência! Emergência!”. As meias finas brancas buscaram os sapatos brancos, a televisão desmaiada, os dedos assentaram os ralos cabelos, escancarou a porta, “Mário! ô Mário!”, “Ô doutor Fernando, como vai essa força?” “Tudo em cima. Você sabe o quê que é essa urgência aí?” “ Parece que um tigrão levou uns pipocos.” “Briga?” “Acho que não...Assalto...” “ O assaltante ou o assaltado?” “Sei não... Os meganhas desovaram aí...” e labirintou-se por entre pacientes e acompanhantes que congestionavam os corredores. Na sala-de-cirurgia, vestiu-se máscara e gorro, desinfetou as mãos, abraçou o avental, calçou luvas-cirúrgicas, meneou a cabeça, o anestesista, doutor Tarcísio, vislumbrou o residente, Jorge? É Jorge o nome dele?, ah instrumentador, Sônia, gostosíssima!, Ah, Sônia, quando a gente vai sair pra dar uma trepada, hein? perguntou em pensamento, O Jorge (Ah!, é Jorge o nome dele...) relatou que a bala transfixou o abdômen, perfurou o pulmão, hemorragia brava, Muito bem, vamos ver. Ao aproximar-se, o monitor ligado, coração desacertado, percebeu, caralho!

descontrolada Cláudia esgoela bate os pés no chão puxa os cabelos olhos desorbitados

Ju revólver na nuca choraminga amedrontada

faz ela calar cacete senão arrebento a

Cláudia pelo amor de deus os caras

porra fala logo onde estão os dólares

- Tarcísio, pode suspender a anestesia...

- Quê?

- Pode suspender...Não vale a pena...

- Como assim, “não vale a pena”?

- O estado é grave, doutor Fernando, mas acredito que (intrometeu-se o residente)

- Cala a boca, (ia nominá-lo, mas)

Doutor Fernando arrancou a máscara, afastou-se do leito, aos berros, virou-se, parou.

- Tarcísio...você lembra do assalto?, daquele assalto lá em casa? Pois então: um era esse, cara...Um era esse! E eu não vou salvar ele não, cara, não

vou mesmo! Não vou mexer uma palha pra salvar ele...Ele quase fodeu a minha vida, cara, quase fodeu... Eu não vou operar ele não, estão me ouvindo? Não vou operar ele não! Se vocês quiserem, chamem outro, me denunciem pro CRM, façam o que vocês quiserem, não estou nem aí, eu não estou nem aí, estão me entendendo?, nem aí!

E desapareceu por detrás do vidro da sala-de-cirurgia.

O silêncio encavalou-se no anestesista.

Os olhos da instrumentador hipnotizados pelas horas na parede.

O residente monitora os impulsos do coração do paciente agora respiração convulsa.

ANEXO D - { - Mulher... ô mulher...

{ - Mulher... ô mulher...

- Ahn?

- Você ouviu?

- Ahn?

- Ouviu?

- O quê?

- Shshshiuuu...

- Ahn?

- Ouviu?

(Pausa)

- Parece... parece que tem alguém gemendo...

- É...

- Santo deus!

- Shshshiuuu... Fala baixo!

- Não vamos ajudar?

- Ficou doida?

- Mas... tá aqui...bem na porta...

- Fica quieta!

- Ai, meu Deus!

(Pausa)

- Deve ter sido facada... pelo jeito...

- E a gente não vai fazer nada?

- Fazer? Fazer o quê, mulher? Fica quieta... E se tem alguém lá fora?, de tocaia?

(Pausa)

- Parou...

- O quê?

- Parece que parou...

- O quê?

- A gemeção...

(Pausa)

- É... parou mesmo... Vamos lá agora?

- Não?

- Por quê?

- Porque... porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir... Vai... vira pro canto... vira pro canto e dorme... Amanhã... amanhã a gente vê... Amanhã a gente fica sabendo... Dorme... vai...}

ANEXO E - Imagem 01: Quadro *Angelus Novus*



Imagem 01: Quadro pintado por Paul Klee em 1920

Fonte: <http://www.sfu.ca/~andrewf/CONCEPT2.html>